

# A ESCOLA

REVISTA PEDAGOGICA MENSAL

N. 26

ANNO III

MAIO, 1925

## SUMMARIO

A reforma do ensino. ....	<i>Ignacio do Amaral</i> .....	61
---------------------------	--------------------------------	----

## NOTAS E COMMENTARIOS

Educação physica.....	<i>Raul Werneck C. Castro.</i>	65
O ensino de linguas na marinha	<i>Gastão Penalva</i> .....	67
A diffusão do ensino primario..	<i>Ramon Roca</i> .....	70

## VARIETADES

O que é o escotismo.....	<i>Ignacio do Amaral</i> .....	74
--------------------------	--------------------------------	----

## ENSINO PRIMARIO

Exercicios de elocução.....	<i>Maria Coutinho do Amorim</i>	77
Arithmetica .....	<i>Mahilde Cirne Bruno...</i>	81
Historia .....	<i>Olympia do Coutto</i> .....	83
Geographia .....	<i>Ignacio do Amaral</i> .....	87

## LITTERATURA

Dorminhoco .....	<i>Leonor Posada</i> .....	90
Dialogo .....	<i>Leonor Posada</i> .....	91

INFORMAÇÕES E AVISOS — ATRAVÉZ DAS REVISTAS

BIBLIOGRAPHIA

RIO DE JANEIRO

# Leiam a Verdade!!

*Exmo. Sr. Doutor G. Ricabal  
Rio de Janeiro*

Saudações.

Para patentear a maravilhosa **Cura** em minha pessoa, dirijo-lhe esta carta, acompanhada de minha photographia, podendo fazer o uso que melhor lhe aprouver. De ha muito que tinha um profundo desgosto de não possuir um **Busto** desenvolvido e de **Formas** elegantes. Aconselhada por uma amiga que já se havia **Curado**, recorri á sua maravilhosa **PASTA RUSSA**. Duas caixas apenas desse **MARAVILHOSO REMEDIO** foi o bastante para que desaparecessem duas enormes cavidades que tinha aos lados do pescoço e para *desenvolver* e *endurecer* os meus **Seios**, que estavam anteriormente **MOLLES E CAIDOS!!**

Agora, possuo uns **Seios** volumosos e rigidos e um **Busto** que me enthusiasma!!

De VV. EEx.

Cra. Att. Obrima.

(Assignado) *Dogmar de Carvalho*.

(Firma reconhecida)

Manãos, 25 de agosto de 1917.

## **A PASTA RUSSA**

**DO DOUTOR G. RICABAL**

E' um **PRODUCTO** attestado por grande numero de **MULHERES** curadas. Encontra-se á venda nas principaes **Pharmacias, Dro-  
garias e Perfumarias** do Brasil.

**AVISO** : Remette-se registado pelo **Correio** para qual-  
quer parte do **BRASIL**, mediante a quantia  
de 15\$000 enviada em carta com **VALOR DECLARADO**, AO **AGEN-  
TE GERAL—J. de Carvalho—Caixa Postal Numero  
1724 — Rio de Janeiro.**

A ESCOLA

PÓ DE ARROZ

LADY

É O MELHOR E NÃO É  
— O MAIS CARO —

A venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

RIO



**AS CRIANÇAS  
DE PEITO**  
(UJAS MÃES OU AMAS SE TONIFICAM COM O  
**VINHO BIOGENICO**  
DE **GIFFONI**  
AUGMENTAM DE PESO E FICAM BELLAS,  
ROBUSTAS E DESENVOLVIDAS.  
A VENDA NAS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS.  
DEPOSITO:  
**DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C<sup>IA</sup>**  
RUA 1<sup>ª</sup> DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO.  
IND. S. PUBLICA Nº 469 DE 16-9-905 (MARCA REGISTRADA)

**AO REI DOS MARES**

Importadores de apparatus para electricidade, agua, gaz, esgotos, folha de flandres, cobre, estanho, bacias e lavatorios de ferro esmaltado e de louca. Fogões, canos de ferro e de chumbo, lustres, lampeões, arandellas e mais artigos concernentes, e das legitimas lampadas «Economicas». Encarregam-se de installações electricas.

*Installações sanitarias em estabelecimentos de ensino*

**MEDEIROS SARTORE & CIA.**

Successores de MEDEIROS & BORGES

Rua Marechal Floriano, 23 e Theophilo Ottoni, 142

Telephone Norte 1096  
Rio de Janeiro

A ESCOLA

# COMPANHIA MECHANICA E IMPOR- TADORA DE S. PAULO

Séde em S. Paulo — Rua 15 de Novembro no. 36

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa Postal 31

CAPITAL RS. 10.000.000\$000 — FONDO DE RESERVAS RS. 28.364.172\$529

FILIAL NO RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 63 — 1º andar

End. Telegraphico "JAVASCO"

Caixa Postal 1534 — Phone N. 5374

**Grande Fabrica de Oleos — Rua S. Christovão, 650**

CONSTRUCTORES E EMPREITEIROS

Fornecedores dos Ministérios Federaes, Repartições Puollicas  
e Estradas de Ferro.

Machina para lavoura, tur-  
binas e engenhos.

Grande laminação de ferro  
e aço.

Fundição de aço ferro e  
bronze.

Officinas mechanicas.

Fabrica de enxadas, macha-  
dós e picaretas.

Fabrica de parafusos, rebi-  
tes, porcas, etc.

Fabrica de pregos (pontas  
de Paris).

Fabrica de tubos de barro,  
material sanitario, telhas e  
tijolos.

Grande Serraria.

Trilhos, carvão, ferro, aço,  
material para estradas de  
ferro, cimento, tintas, ver-  
nizes, solda caustica, breu,  
folhas de flandres, tubos  
pretos e galvanizados, etc.

AGENTES EXPORTADORES DE

Aniagem, tecidos de juta, al-  
godão, e outros, saccoes  
para café, cacau, cereaes, etc.

Carnes congeladas e  
em conservas, couros, sebo,

Acidos, oleos, louça  
esmaltada.

**FILIAES:**

Rio de Janeiro, Santos, Londres, Nova-York e Genova

# FARINHA PERY

Preparação especial de mandioca dextrinizada para alimentação das **crianças, convalescentes e pessoas fracas**

Recomendada por médicos notáveis, a «Farinha Pery» está sendo consumida nos principais sanatórios e hospitais do país



ONDULAÇÃO DOS CABELLOS  
Cabellos crespos com poucas aplicações do **CRESPODOL**  
São com segurança obtidos  
Vidro.... 10\$000 - Pelo Correio.... 12\$000  
Na Perfumaria Á GARRAFA GRANDE  
66, RUA URUGUAYANA, 66  
Perestrello Filho & Cia.

*Use...*

## S. S. WHITE

*Clarea os dentes  
Refresca agradavelmente  
a bocca.  
Apreciada  
até pelos  
petizes*



PREPARADA PELA MAIOR FABRICA DE ARTIGOS DENTARIOS do MUNDO

# A ESCOLA

REVISTA PEDAGÓGICA MENSAL

REDACTOR :

Ignácio M. Azevedo do Amaral

Redacção e Administração

Rua 7 de Setembro, 51 (1º andar)

Telephone Norte 7389

GERENTE :

George Sumner

Typ. SANTA HELENA

Rua da Alfandega, 214

Telephone Norte 1298

Assignatura annual, na Capital Federal . . . . .	9\$000
Assignatura annual, nos Estados . . . . .	10\$000
Numero avulso . . . . .	1\$000

ANNO III

Rio de Janeiro, Maio de 1925

NUM. 26

## *A reforma do ensino*

POR

IGNACIO DO AMARAL

*Ha exactamente dois annos, em artigo sob o mesmo titulo do presente, "a proposito de um infeliz projecto de reforma do ensino, atado ao pelourinho da critica, á guisa de isca de melhores ideas", escrevi as seguintes palavras:*

*"Quem quizer ser sincero e verdadeiro a respeito do nosso ensino, terá de ser, com effeito, muito pouco lisongeiro a nossa vaidade. pois muito deixa elle a desejar, sob todos os pontos de vista e em todos os grãos.*

*Em materia de ensino primario, onde melhor é o nosso quinhão, temos a lamentar uma diffusão insufficiente e graves senões e lacunas, mesmo onde mais cuidada é a sua organização, como por exemplo, nesta capital e no estado de S. Paulo.*

*De ensino superior e do secundario a que especialmente se referiram quasi todos os depoimentos agora trazidos a publico, o menos que se pode dizer é que elles são tão viciosamente organisados que nem chegam a prehencher os seus fins.*

*A instrucção secundaria, é de facto, cada vez peor, e o ensino superior nem prepara os estudantes para se habilitarem a um estudo individual capaz de supprir a insufficiencia do curso academico."*

*Nada tenho a modificar, do que escrevi ha dois annos, para apreciar a actualidade.*

*A ultima reforma do ensino, decretada em 13 de Janeiro e só publicada em 7 de Abril ultimo não encerra, com effeito, providencias que autorizem uma espectativa li-songeira a respeito da situação do ensino publico entre nós.*

*Essa reforma consagrou, é certo, alguns pontos de doutrina altamente importantes para o problema da instrucção publica, taes como o que diz respeito á collaboração do Governo Federal em materia de ensino primario.*

*Mas, mesmo sobre esse ponto, si a ultima reforma de ensino não se limitou a um platonico reconhecimento da conveniencia da collaboração da União em materia de ensino primario, tambem não foi além do estabelecimento de bases geraes em que tal collaboração deva se fazer.*

*E é preciso convir que o reconhecimento da intervenção federal em assumptos attinentes á instrucção primaria não tem o merito da novidade, já tendo sido sustentado por mim proprio em artigo editorial da revista pedagogica "A Escola Primaria", em Abril de 1921, e merecido a attenção da Conferencia Interestadual do Ensino Primario, realisada de 12 de Outubro a 16 de Novembro de 1921, por convocação do Ministro da Justiça e Negocios Interiores Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, em nome do Presidente da Republica, Dr. Epitacio Pessoa.*

A nova reforma do ensino não cogitou, entretanto, de nenhum dos tres grandes problemas, cuja solução se impõe como a base necessaria para qualquer tentativa de efficaz reorganisação da nossa instrucção publica — : a transformação dos methodos de ensino, a coordenação de todos os programmas para o objectivo da finalidade do respectivo plano de estudos e o systema para a apuração do aproveitamento dos alumnos.

As nossas leis e regulamentos de ensino, em geral, nem sequer cogitam dos methodos e processos porque deva ser o ensino ministrado.

As preocupações pedagogicas dos autores de taes leis e regulamentos não vão, em geral, além dos cuidados consagrados á organisação de um plano de estudos em que as disciplinas sejam seriadas mais ou menos convenientemente e em que seja definido o numero de lições reservadas ao ensino de cada uma dellas.

Maiores preocupações pedagogicas tambem não teem, em geral, os professores, principalmente dos cursos superiores, onde a Pedagogia é considerada materia de conhecimento unicamente necessario aos mestres de primeiras letras.

Resulta d'ahi que a orientação pedagogica do professorado reduz-se ás suggestões espontaneas do bom senso de cada um, modificadas pelas lições adqueridas na pratica do officio magistral, em que o noviciado se faz a custa dos alumnos em que o novo mestre experimenta as suas aptidões.

Cada um ensina como quer e como pode, recitando as lições de um programma na maior parte das vezes organizado com a preocupação de patentear o mais vasto conhecimento da bibliographia da materia em questão, e o que sobre ellas tenha sido publicado de mais interessante segundo os caprichos da moda.

Nem organisação dos programmas nem a sua execução no desenvolvimento dos cursos se pauta, pois, pelo objectivo da finalidade do plano de estudos, e para coroar um ensino mal executado, segundo normas mal traçadas, o aproveitamento dos alumnos é apurado por um processo de verdadeira loteria, " o qual — como já tive occasião de escrever nestas

paginas — não falta sequer a cerimonia de um sorteio, como que para assignalar o seu character de jogo de azar”.

Acredito não ser descabido reproduzir aqui as palavras com que resumi algumas apreciações sobre o nosso vicioso processo de exames para apuração do aproveitamento dos alumnos:

“O que fazem os examinadores em tal conjunctura?

Uns, propendem para habitual benevolencia; outros preferem ostentar severo rigor; outros, finalmente, traçam a sua conducta inspirados por um prudente opportunismo, mas todos, em consciencia reconhecerão que o seu julgamento, — severo ou benevolente, — difficilmente traduzirá uma desejavel justiça.

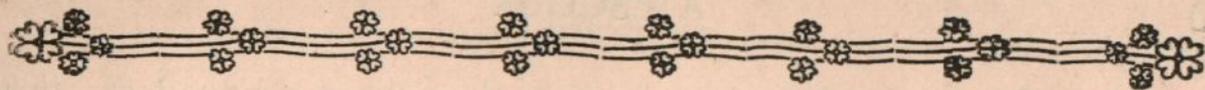
O que fazem os examinadores ante a perspectiva do exame loteria?

Apparelham se para a defesa como quem se empenha numa lucta em que deve empregar todos os meios para o successo.

E entre taes meios figura o recurso ao valimento de amigos e poderosos, quando não são empregados expedientes ainda mais degradantes para a dignidade do professor e do alumno e para a moralidade do ensino.”

E não teria sido possivel á ultima reforma do ensino resolver satisfactoriamente os tres problemas capitaes que deixei indicados?

Certamente que sim, e para tal não seria mister mais do que adoptar soluções já experimentadas em povos mais adelantados que o nosso, e cuja adaptação a nossa situação especial pode ser feita sem maiores difficuldades. como o demonstra de modo eloquente a adaptação das soluções e processos norte-americanos feita pela ultima reforma de ensino da nossa Escola Naval, a qual no seu primeiro anno de execução e experiencia patenteou esplendidos resultados unanimemente reconhecidos por professores e alumnos.



## NOTAS E COMMENTARIOS

### *Educação physica*

POR

RAUL WERNECK C. CASTRO

A escola moderna, afastando de si a noção estreita de gymnastica, propõe-se a *educar* ou a *reeducar physicamente*, de modo que o individuo obtenha o seu maximo aperfeiçoamento corporal.

Convem assentarmos desde já o que seja esse aperfeiçoamento e qual o seu fim, pois desse entendimento e dessa idéa directriz dependerá, em grande parte, o exito da educação physica. «O aperfeiçoamento physico», diz Demeny, «não consiste sómente em fazer cousas difficeis ou extraordinarias, nem na perfeição dos conjunctos, nem em obrigar a natureza humana a dispender um esforço maximo, que a póde prejudicar. A educação physica é fructo da sabedoria; não acceita, portanto, sinão o que é util e bom. Ella propõe-se, antes de tudo, a augmentar a energia vital do individuo e, consequentemente, da raça; em seguida, procura ensinar a cada um os meios de utilizar do melhor modo essa energia, e a dispendel-a economicamente, na pratica de qualquer trabalho e de qualquer profissão. Torna, assim, o homem mais apto a exercer seus deveres e misteres sociaes e mais forte na luta pela existencia».

A obra do professor de gymnastica será imperfeita, si não for elle pedir á sciencia medica, esclarecimentos sobre o estado organico do individuo a educar.

Uma «Ficha», referente a esse exame medico, deverá dar os informes que importam ao ponto de vista da educação physica.

A título interessante, e com complemento a essa «ficha» physiologica, poder-se-á verificar a aptidão physica pelo systema

original de Hebert, «das doze provas classicas e graduadas», que tem a enorme vantagem de evitar a especialização do exercicio.

Os cursos de gymnastica deverão ser dados de uma forma completa, isto é, de sorte que o individuo colha, de accôrdo com o seu sexo, idade, constituição etc., os quatro efeitos do exercicio:

1º — o *efeito hygienico* ou a normalização das funcções do organismo, que nos traz como resultado pratico uma somma maior de energia disponivel e maior resistencia á fadiga e ás doenças. Tal efeito resulta da *quantidade de trabalho*, da dose e da violencia do exercicio; 2º — o *efeito esthetico* ou aperfeiçoamento da forma e do desenvolvimento normal do corpo e dos órgãos essenciaes á vida. Este, por seu turno, depende do *genero de exercicio*, da distribuição dos esforços sobre as differentes partes do corpo; 3º. — o *efeito economico* ou *util* ou melhor aproveitamento da força, isto é, maximo rendimento e minimo de trabalho. Este implica a *qualidade de execução* e a sua *utilidade pratica*; 4º. finalmente, o *efeito moral* ou desenvolvimento das qualidades viris do individuo, resultante da acção sobre o character e da influencia psychica que constituem o fim elevado e social da educação physica.

Como obter integralmente estes efeitos? Vejamos, em primeiro lugar, a materia ou os meios de que dispõe a educação physica. Qualquer exercicio que se imagine, poderá ser incluído nas tres seguintes grandes classes: 1.º — exercicios de *desenvolvimento* propriamente ditos ou a chamada gymnastica de quarto; 2º — exercicios *uteis* e indispensaveis ao homem, taes como a marcha, a corrida, a natação etc., 3º. jogos, *sports*. Subdividindo estas tres grandes classes em sete, e grupando, em cada uma destas, os exercicios de efeito identico ou semelhante em series de intensidade e difficuldade crescente, teremos todos os elementos de que podemos dispor.

Ora, si examinarmos estas tres classes ou as sete series de exercicios, sob o ponto de vista physiologico, observaremos que muito poucos dentre elles são susceptiveis, por si sós, de produzir os quatro efeitos acima referidos. Assim, si os da primeira possuem um grande efeito local ou esthetico e, consequentemente, podem ter um efeito correctivo energico, sua efficacia hygienica é quasi nulla. Os das duas ultimas classes, pela sua acção sobre as grandes funcções do organismo, produzem um efeito hygienico intenso. Pelo lado esthetico, porém, muitos delles, praticados com exclusivismo, podem ser causa até de desformidades.

Devemos concluir, portanto, que, para o individuo tirar proveito de todos os efeitos da educação physica, é necessaria a escolha de diversas especies de exercicios, cujo conjuncto seja susceptivel de produzir os quatro efeitos essenciaes e indispensaveis á obtenção de um real aperfeiçoamento physico.

A' reunião de um ou mais exercicios de cada serie ou especie, obedecendo a um dispendio crescente de energia e depois decrescente, até cessar quando a calma já se restabeleceu no organismo, constituirá uma «Lição».

Cada lição, portanto, deve conter movimentos proprios para activar a circulação do sangue e a respiração, desenvolver harmoniosamente o systema muscular, remediar a má conformação das espaduas, dilatar o thorax, corrigir as curvas anormaes da columna vertebral e tonificar especialmente a parede abdominal.

Ella deve comprehender tambem exercicios em que haja uma applicação util da força, em que o individuo aprenda a coordenar seus movimentos e a rythmar vantajosamente seu trabalho, a com os quaes desenvolva a sua dextreza e aprenda a economizar energia; exercicios, emfim, que tenham uma applicação pratica na vida de cada dia.

Deve ainda a lição ser variada, interessante, provocar a alegria, a iniciativa, deve dar ao individuo força de vontade, coragem, audacia, sangue frio, confiança em si e desenvolver-lhe o espirito de sociabilidade. Em summa, deve ser completa, sufficiente e capaz de produzir nesse individuo as modificações necessarias para aperfeiçoal-o, já pelas proporções e escolha judiciousa dos movimentos já pelo dispendio total de energia, pela sua duração e repetição diaria.

Não é indifferente a escolha da hora em que a «Lição» de gymnastica deva ser realizada. Nesse sentido tem-se que attender á idade, estado de jejum ou não, proximidade de refeições etc., e si ha, no caso, sob o ponto de vista das trocas organicas, conveniencia em accelerar a assimilação ou a desassimilação.

Para terminar lembraremos que cada individuo deve ser considerado, sob o ponto de vista da educação physica, como um caso á parte; que só do estudo meticoloso das condições organicas de cada um, para a applicação de exercicios adequados, podem-se colher effeitos uteis; é preciso não perder de vista que a gymnastica mal dirigida é antes um prejuizo que um beneficio.

## *O ensino de linguas na marinha*

POR

GASTÃO PENALVA

O marinheiro moderno sahiu do casulo obscuro do marinheiro antigo como a cystalida que se fórma e cria azas para os altos surtos da profissão. Rude, ignorante, não raro affeito ao crime, comquanto incomparavel nas manobras difficeis que exigia a dureza imprevista da intemperie, o marujo de outrora não tinha

outra instrucção sinão essa de uma aprendizagem material e de urgencia, na livre escola do mar. Por seu turno, tambem, os officiaes dessa época, de limitado horizonte de conhecimentos nauticos, não procuravam incutir nos seus subordinados mais do que a solução exclusivamente pratica dos problemas que a variavel sciencia do oceano facultava quasi sempre por funcção de mero acaso.

Justo, porém, é confessar que cousa alguma faltou á competencia de quem conduziu naus a todas as partes do globo, e foi com ellas á guerra, de cujos fei os assignalados e modelares estão repletas as paginas da nossa historia naval.

O marinheiro da marinha de hoje é consequencia immediata do seu progresso material. Filho do seculo da machina, em que o homem, accionando uma alavanca ou premendo um botão electrico, cruza os braços e se deixa ficar quasi inerte a contemplar a apothese de todos os movimentos, elle muito perdeu do cunho profissional que o fazia inconfundivel entre os demais representantes de um civilisação. Physica e moralmente, desprezou algumas e conquistou muitas qualidades.

Um dia abriram-se-lhe as portas das escolas. Foi luz intensa, clara, edificante, que lhe jorrou no cerebro. Tudo se lhe ensinava, sendo que de commum elle aprendia de mais. O seu preparo, contaminado fatalmente do vicio da theoria, que é o grande mal didactico das raças intelligentes, por pouco não se nivelava ao preparo dos officiaes. Vi muita vez, assombrado, prevendo resultados funestos, instructores de navegação metterem entre as mãos dos seus alumnos, marujos de classes inferiores, o sextante, a mais alta palavra na materia, o *pulo da onça da direcção* do navio. A eterna vaidade de lente, na myopia de irreflectida missão.

Entretanto, outras disciplinas resaltam em primeiro plano como indispensaveis á cultura do actual homem do mar, forçado a estudar em livros varios e a fazer-se entender pelos povos que de a miude frequenta. Uma dellas é o ensino de linguas, até hoje descurado e sem orientação, quando não desvirtuado por aquelles que commodamente se estribam no preceito ironico do fino analysta da *Correspondencia de Fradique Mendes*: falar todos os idiomas — «patrioticamente mal».

Innegavelmente existe na marinha grande numero de marinheiros que falam e escrevem correntemente diversas linguas. Mas isso acontece por circumstancias fortuitas, onde em geral nunca se verifica a ingerencia official de autoridades; ou elles já as sabiam falar quando assentaram praça, por descendencia estrangeira, ou as aprenderam por esforço proprio, e viram nisso factor essencial para a carreira que abraçaram.

Esse ultimo facto é o bastante para que se cimentem as bases de uma escola de linguas na armada nacional, com vistas

interessadas dos poderes públicos, a começar pela esquecida lingua portugueza, cujo manejo já principia a ser deploravel jnstamente por aquelles que mais tem obrigação de conhecel-a a fundo.

E' vulgar (phenomeno que mora na psychologia das raças maritimas) que quem menos ou quem peor fala idiomas extranhos são em these os que viajam por dever de officio. Sempre julguei admiravel como um individuo conseguisse dar a volta ao mundo sem saber se expressar em outra linguagem que não a sua, e nessa mesma, sabe Deus como!

O que prova que existe em verdade um idioma universal, que não é falado, não tem nome, não tem regras fixas, mas se torna facilmente entendido por todos quantos, de um ponto da terra, num momento entabolem relações com gente de pontos diferentes. E' a linguagem da emergencia.

O ensino de linguas na marinha viria antes de tudo auxiliar e ampliar os conhecimentos de que carece o marinheiro moderno. Não se concebe que especialistas, como hoje os ha, de todas as especialidades, possam apenas manusear o que sobre ellas se escreve em portuguez, ou quasi sempre obra de traducção mal feita, com serios prejuizos para a technica do assumpto. Em um paiz como o nosso, onde pouquissimo se produz para conforto espiritual da nobre e activa familia do mar, será mister que se lhe facultem meios de aprender tudo quanto se tem architectado na extensa e salutar litteratura maritima de fóra.

Mas entre nós, desgraçadamente, o descaso pelo livro é epidemia nacional; e della inevitavelmente havia de participar o elemento marujo, e ainda mais esse, que vive por natureza alheio a todo e qualquer symptoma de intellectualidade.

Emquanto nos Estados Unidos se formava uma empreza monumental, patrocinada pelo presidente da republica, cujo fim era organizar bibliothecas para uso exclusivo da marinha de guerra e mercante do paiz, lancei aqui a mesma idéa, já se vê, em escala reduzidissima; e não me consta haja fructificado. Só quem de quando em quando faz a sua modesta remessa de volumes aos navios da nossa esquadra é o proprio autor da idéa.

Desta sorte, qualquer iniciativa nesse genero será malhar em ferro frio. Trata-se de uma crise de cuja libertação não seremos os gosadores. Ainda se encontram nesses Brasis milhões de habitantes que consideram a carta de A B C obra diabolica, anti-christã, e como hygiene da alma, absolutamente indesejavel. Logo...

*A diffusão do ensino primario*

PELO

PROFESSOR RAMON ROCA

Debate-se ha muito o melhor meio de realizar a completa diffusão do ensino primario, certamente a mais importante das soluções dos actuaes problemas, si queremos conseguir que as forças vivas do Paiz possam chegar a desempenhar mais cabalmente a funcção que lhes compete, dando á riqueza nacional o rapido augmento que as nossas condições economicas e sociaes estão a exigir.

Não ha, certamente, assumpto que mais mereça ser encarado com o patriotico desejo de uma solução pratica e completa.

As medidas a aconselhar devem ter todas um caracter de possibilidade e realizção immediata, acreditamos, e é nesse intuito que ousamos lembrar, nos limitados recursos de nossa competencia, algumas dessas medidas, realizaveis desde logo, e que poderiam concorrer para a alphabetisação de grande parte da população que ainda não sabe ler.

Reclamando e esperando só da acção do Governo, muito demorada será a solução, apesar da boa vontade, preocupado como está, e muito louvavelmente, em conseguir o equilibrio de seus orçamentos, o que quer dizer que não poderá tão cedo dispor dos avultados recursos necessarios ao desejado fim.

Não esqueçamos que nos falta ainda marinha, portos, estradas, communicações de toda ordem que encurtem as distancias e facilitem o intercambio de productos. a exploração das riquezas naturaes, mas antes de tudo, o que nos falta é a alphabetisação da maioria da população rural, principalmente, para melhor e mais intelligentemente utilizar e valorizar essas riquezas.

---

E' o povo por si mesmo, são as classes conservadoras do Paiz muito especialmente, as mais interessadas em conseguir-se a diminuição dessa deprimente e avultada porcentagem de analphabets que nos colloca em situação de inferioridade entre os paizes civilisados.

Aos publicistas, aos homens da Imprensa, principalmente, cabe o papel honroso de apontar e aconselhar os meios praticos necessarios até conseguir-se o patriotico fim desejado — a alphabetisação da maioria da população brasileira.

Faça-se a — União sagrada — em torno da questão, a mais importante das que merecem e devem ser patrocinadas, e para cuja solução convem lançar mão de todo recurso e auxilio.

Declare-se fundada desde já a — Sociedade dos Amigos do Ensino — ligados todos entre si por tão nobre aspiração.

Faça-se da questão de alphabetisação uma questão de honra nacional; ninguém lhe deve ficar alheio, ninguém pode ser indifferente á sua solução.

Os Governos estadoaes e as Corporações Municipaes, mesmo com toda a sua boa vontade não dispõe dos meios necessarios para de um momento para outro vencer as difficuldades existentes e nem supprirem os recursos necessarios.

Cumpre interessar a população toda, isto pelos multiplos e diversos meios e disposições legislativas convenientes.

Si se não pode obter desde já um ensino primario perfeito e completo em toda parte, inicie-se desde logo a alphabetisação da infancia que em idade escolar ainda não frequenta a escola, e mesmo a dos adultos que ainda não saibam lêr, creando—Cursos de alphabetisação—.

Para sua organização e manutenção, e como auxiliar á acção dos Governos estadoaes ou municipaes, póderia ser constituida, como dissemos, uma secção da — Sociedade dos Amigos do Ensino — em cada localidade, que instituiria logo a — Caixa Escolar — como primeiro passo em prol das suas escolas ou cursos de alphabetisação.

Si a organização de toda instituição nova é difficil, como é sabido, contando desde logo com a organização eleitoral actual, facil seria, incumbindo-se as Secções eleitoraes de mais esse trabalho, dar como instituidas as Caixas Escolares, designando entre os contribuintes os respectivos thesoureiros, promovendo a arrecadação voluntaria entre os cidadãos alistados eleitores, e solicitando o concurso e a liberalidade da população do respectivo districto ou localidade.

Os cursos de alphabetisação seriam então fundados e mantidos com os recursos locais, appellando-se para os professores si os houvesse na localidade, ou para os cidadãos que pudessem prestar esse serviço, quer ás crianças, quer aos adultos, não esquecendo de solicitar para este humanitario trabalho o concurso das professoras e senhoras da localidade em que pudesse ser instituido um curso ou escola, mesmo com um programma minimo de lêr, escrever e contar.

Conseguida a criação da Caixa Escolar, a respectiva commissão trataria logo da localisação ou lugar para dar aula, utilizando-se do concurso dos particulares e das collectividades existentes na localidade.

Podem concorrer brilhantemente para esta fundação de escolas ou cursos de alfabetisação, as sociedades humanitarias, as secretarias de toda especie, as esportivas; e as empresas fabris, industriaes ou agricolas que não devem deixar seus operarios sem o indispensavel ensino primario.

Realizada que fosse a installação de algum curso ou escola, a Comissão local, pelo seu secretario, faria a necessaria communicação á respectiva Camara Municipal e esta ao governo do Estado para que animassem essa iniciativa com recursos de ordem material e pedagogica ao seu alcance.

Sempre que na localidade houvesse professores ou professoras diplomadas por Escolas Normaes, essas escolas ou cursos lhes deveriam ser confiados, fossem elles sustentados pela União, pelo Estado, pelo Municipio ou mesmo pela Caixa Escolar.

Deste modo o programma e a eficiencia educativa dessas escolas iria progredindo, melhoradas e encaminhadas por uma inspecção regular e technica.

Quando uma escola passasse a ser custeada pelo Municipio, pelo Estado ou pela União, a Caixa Escolar da localidade ainda poderia concorrer para o augmento de suas escolas, ora custeando as despesas de predios, do material, de livros e até de vestuario para as creanças necessitadas desse auxilio.

Deste modo, a — Caixa Escolar — instituição benefica que já floresce em muitas das localidades do Estado de São Paulo, por exemplo, deve ser diffundida e amparada, pois sempre tem uma função social a cumprir, função nobre e humanitaria.

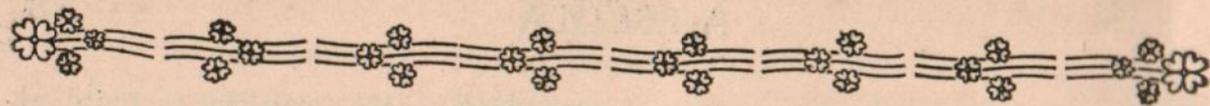
As escolas ou os cursos de alfabetisação dariam praticamente resultados e devem ser estabelecidos em toda localidade em que houver vinte crianças analphabetas, convindo sempre que á par desse trabalho não se descuide a alfabetisação dos adultos, homem ou mulheres — o que deve constituir um empenho de honra, um trabalho patriotico a realizar até no ultimo recanto do Paiz, podendo mesmo estabelecer cursos temporarios com professores ambulantes para duas ou tres localidades com população menos densa, mas sempre obrigada a sahir desse estado de cegueira intellectual em que os analphabetos vivem infelizmente mergulhados.

Teríamos, portanto, a concorrer para mais rápida e total al-  
phabetisação de nossa população, os diversos recursos:

- a) Estabelecimento de grupos escolares onde fosse possível e ainda não existissem, passando a funcionarem em dous periodos, meninos de manhã e meninas á tarde;
- b) Abertura de cursos nocturnos nesses mesmos grupos para poder dar ensino, embora com programma reduzido aos adultos e aos moços e moças que pelos seus af-  
fazeres foram impedidos de frequentar as aulas diurnas;
- c) Adoptar para as escolas existentes a organização de es-  
colas reunidas, passando a funcionar em dous tempos e sustentando á noite cursos nocturnos;
- d) Fazer com que as escolas isoladas passem a funcionar tambem em dous tempos, mantendo além disso curso nocturno;
- e) Determinar que os estabelecimentos agricolas, fabris ou industriaes, assim como as sociedade recreativas e de espor passem tambem a manter escolas ou cursos;
- f) Auxiliar ou subvencionar as escolas estrangeiras que ensinem a lingua, a geographia e a historia nacional, desde que admittam á matricula alumnos gratuitos;
- g) Onde nada disso existisse, em povoados ou lugares mais afastados que não tivessem escolas funcionando, estabelecel-as desde logo, creando a Caixa Escolar, so-  
licitando o auxilio de todas e pedindo o apoio da So-  
ciedade dos Amigos do Ensino do respectivo districto eleitoral.

Deste modo, si a organização apontada não desse em toda parte os resultados desejados, pode-se acreditar que alguma cousa seria conseguido, unificando o trabalho de todos dentro de um plano simples e realizavel.

*S. Paulo, Maio de 1925.*



# VARIEDADES

O que é o escotismo

POR

IGNACIO DO AMARAL

A 26 de Abril ultimo encerrou-se solememente «a semana do escoteiro», celebrada com notavel successo e raro brillantismo.

Na noite de 25 de Abril o estadio da Radio Sociedade do Rio de Janeiro irradiou orações de Rosalina Coelho Lisbôa e Maria Eugenia Celso e algumas palavras de Ignacio do Amaral, as quaes foram ouvidas pelos escoteiros acampados na esplanada do Russel, por intermedio de um alto fallante alli especialmente installado pela Radio Sociedade.

Foram as seguintes as palavras pronunciadas por Ignacio do Amaral :

*Incumbiram-me de dizer, em poucas palavras, o que è o escotismo e quaes são os beneficios de sua pratica.*

*Darei conta da tarefa que me foi commettida dizendo-vos que o escotismo è, nada mais nada menos, que um systema de educação integral, — de educação do corpo, da intelligencia e, do coração, — cujo fito è preparar as creanças para serem homens capazes de pensar, de sentir e de agir, para o maior beneficio proprio e dos seus semelhantes. Realiza o escotismo o seu bello programma graças a uma feliz conciliação da liberdade e da disciplina, que permite proporcionar á creança um intimo contacto com a natureza, em condições proprias a favorecer a espontanea comprehensão da vida, e a desenvolver todos os sentimentos nobres e generosas impulsões, que estreitam entre os homens os laços em que se esteia a verdadeira força da sociedade.*

*Robustecendo o corpo e formando o espirito, modelando o caracter e adestrando a intelligencia, o escotismo tem sempre em vista esse objectivo profundamente humano em que se resumem a finalidade educativa da admiravel creação com que Baden Powell conseguiu reviver no seculo XX as cavalheirescas tradições da meia idade.*

*Não ha exagero nesse conceito.*

*Lêde o codigo em que se abriga o escoteiro, e reconhecereis uma profissão de fé de indole a formar homens nobremente conscios de seus deveres e responsabilidades, leaes e cavalheirescos, generosos e valentes, abnegados e bondosos; sabendo obedecer para que possam saber mandar; encarando a vida como quem procura o lado bom de todas as coisas; homens, enfim, para os quaes o dever seja uma religião e a honra seja um dever.*

*Eis o que é o escoteiro.*



*E' um pequenino cavalleiro que se obriga a pratica do bem pelo caminho da virtude e da honra, educando-se para ser homem digno da nobre missão reservada aos homens conscios da responsabilidade dos seus actos.*

*Não enxergueis nelle a minuscula caricatura de um soláado; elle não maneja engenhos de destruição e de morte e é um amigo de todos os fracos, que se dispõe a ser um irmão de todos os homens. Seu uniforme jamais se manchará de sangue e em seu coração nunca deverá ter guardado o odio que degrada o homem ao nivel dos mais ferozes animaes; seus triumphos são incruentos e suas glorias são puras e innocentes.*

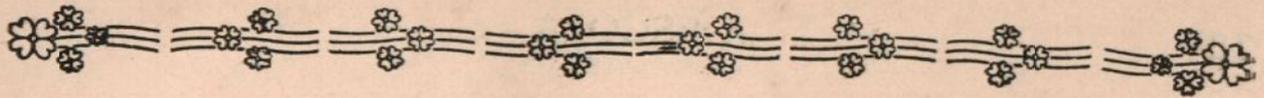
*E' á si mesmo que elle aprende a combater na lucta diuturna pelo seu progressivo aperfeiçoamento, só procurando vencer seus proprios defeitos e dominar a fraqueza de seu corpo e as insufficiencias do seu espirito.*

*E' assim que combate e vence o escoteiro conquistando louros e glorias, para o proprio bem e para o beneficio de seus semelhantes.*

*Foi assim que combateu e venceu o pequenino escoteiro Alvaro Silva, na arrojada travessia da cordilheira Andina, tão galhardamente levada a cabo para testemunhar, na tenacidade heroica de uma creança, a energia viril de uma raça, n'uma embaixada de paz e fraternidade.*

*Honra aos pequeninos escoteiros do Brasil que tão alto sabem elevar o nome de sua Patria e que tão ardorosamente se preparam para cada vez melhor servir-a e honral-a».*

---



# ENSINO PRIMARIO

## Exercícios de Elocução

PARA O 2.º ANNO

POR

MARIA COUTINHO DO AMORIM

SCENA — Uma senhora, abrindo-se do sol sob uma sombrinha, conduz pela mão seu filho, que reparte, com um cão pastor, o doce que saboreava. Atravessam uma estrada, á cuja direita se estende um campo verdejante, onde pastam tranquillamente alguns bois.

### Questionario

Com quem passeia o menino ?  
Que traz na mão a senhora ?  
Para que serve a sombrinha ?  
Que encontram em caminho ?  
Por que está contente o cão ?  
Que lhe dá o menino ?  
A que especie pertence o cão ?  
Que serviços presta ?  
Onde estão os bois ?  
Que fazem ali ?  
Porque os deixam pastar tranquillamente ?

MORAL — Sejamos bons para com os animaes; não des-

conheçamos os muitos serviços que nos prestam.

II

SCENA — Passa-se na sala de jantar.

Ao centro está uma mesa redonda, sobre a qual se vê um pote, por cuja borda corre o doce.

Uma senhora segura pelo braço o filho, de quem indaga naturalmente do acontecido. O garoto aponta para um gatinho, que dorme secegadameete sobre uma cadeira.

### Questionario

Que está sobre a mesa ?  
Pelas bordas do pote escorre o doce, porque ?  
Que fez Miguel ?  
Ao ver aquillo, que lhe perguntou a mamãe ?

Que responde Miguel ?  
 A quem elle accusa ?  
 A mamãe acredita em Miguel ?  
 Quantas e quaes as faltas que  
 commetteu ?

**MORAL** — Nunca se deve  
 mentir, nem calumniar alguem para  
 escapar ao castigo. A verdade,  
 tarde ou cedo, apparece sempre.

## III

**SCENA** — Um cão escapa-  
 se a correr, e sobre um banco de  
 pedra um gato eriçado, de cauda  
 para o ar, está em attitude agres-  
 siva. Entre os dois animaes, Pe-  
 drinho, o causador, de certo, da  
 rixa entre os dous velhos inimi-  
 gos, grita e chora apertando uma  
 das mãos, que parece estar fe-  
 rida.

**Questionario**

Que animaes apresenta a scena ?  
 Onde está o gato ?  
 Porque está encolerizado ?  
 Que mostra que o gato está en-  
 colerizado ?  
 Que fez elle a Pedrinho ?  
 Paaece que Pedrinho soffre ?  
 Que fez o cão ?  
 Pedrinho mereceu tal castigo ?  
 Repetirá a sua maldade ?

**MORAL** — Não atormenteis  
 os animaes ; elles têm armas com  
 que se defendem.

## IV

**SCENA**—A Mamãe está zan-  
 gada com a filhinha, cujo vestido  
 apresenta um grande corte. Luiza  
 chora e parece querer desculpar-  
 se ; mas uma thesoura, que está  
 sobre a mesa e junto a cestinha

de costura, confirma a travessura  
 maldosa.

**Questionario**

Está a mamãe com ar de zan-  
 gada, porque ?  
 Advinhaes o que ella diz á sua fi-  
 lha ?  
 Que ha sobre a mesa ?  
 Como está ella ?  
 Onde deveria estar ?  
 Si Luiza ouvisse a mamãe, teria  
 tocado na thesoura ?  
 Que maior mal lhe poderia acon-  
 tecer ?

**MORAL** — Não brinqueis  
 com objectos perigosos, porque  
 podeis ferir-vos bastante.

## V

**SCENA** — Um batalhão de  
 infantaria percorre algumas ruas  
 da cidade. Os soldados, perfilados,  
 caminham firmes e resolutos, levan-  
 do ao hombro a espingarda e ás  
 costas a mochila.

A frente, garboso official con-  
 duz o pavilhão nacional; á sua  
 passagem se descobre um senhor,  
 cujos filhos o imitam na contem-  
 plação e respeito ao symbolo da  
 patria e aos seus defensores.

**Questionario**

Que vêdes ?  
 Que trazem os soldados aos hom-  
 bros e ás costas ?  
 Como caminham ?  
 Que os torna resolutos e corajo-  
 sos ?  
 Onde vae a bandeira ?  
 Que representa ella ?  
 Suas côres, quaes são ?  
 Que faz o senhor que vê passar  
 o batalhão ?  
 Porque se descobre ?  
 Que dirá elle a seus filhos ?

**MORAL**—Saudemos a bandeira, que é a imagem da patria.

**NOTA**—O trabalho para o 3º anno será de recompor as scenas por escripto. Os alumnos de 4º anno terão, em cada exemplar destes, o summario para uma descripção, para a narrativa de um factio, a organização de uma historietta etc.

Os alumnos de 5º e 6º annos desenvolverão os conceitos:

- 1) Aos animaes a nossa gratidão.
- 2) A verdade sobre tudo.
- 4) Buscar lã e sahir tosquiado.
- 4) Cautela com o que fere.
- 5) A bandeira e os defensores da patria.

Nota — Peço licença para transcrever nas paginas desta conceituada revista pedagogica dous modelos de composição da Senhorinha Maria Augusta Morize, alumna da autora destas linhas—

#### *Alegria e Dôr*

Feliz vivia um casal, na doce esperança de que Deus lhe concedesse um filho, para que a sua felicidade fosse assim completa.

Deus não lhe negou este prazer.

Dois annos são passados, e no lar feliz do casal anda-se nas pontas dos pés, faz-se o minimo ruido possivel, para não accordar um lindo bêbê, que dorme ao lado da mamãe.

Algumas vezes, o papae, desageitado, com medo de machucar o pequenito, e orgulhoso

do seu primogenito, passeia com elle nos braços a fital-o enternecidamente.

De dia para dia redobra a alegria do casal, que vê o filho crescer sempre forte e robusto.

Aos seis mezes, já um dentinho!

Que alegria a da mamãe, quando, ao passar o seu dedo na bocca do pequeno, sente a impressão doce de uma afiada pontinha!

A felicidade dos paes augmenta ao ouvir na atrapalhada linguinha do filho querido, essas palavras tão ternas—Papá! Mamã!...

.....

O destino foi traçoeiro e a felicidade fugáz n'aquelle lar, onde o pezar e a angustia vieram substituir os risos e a ventura. Aquelle menino robusto, forte, adoeceu gravemente.

Não faltaram cuidados e desvelos, e a sciencia medica tudo empregou para combater o mal.

Mas a morte, zombando de tudo e de todos, ceifou aquella vida em botão, desfazendo em pó os sonhos e as illusões que com elle haviam nascido.

Deixaram de brilhar aquelles olhos, emmudeceu aquella voz, que enchia de alegria aquelle lar, voou para o ceo o bello anjinho, deixando em profunda dôr o coração dos paes, que tanto o estremeciam.

Ante o caixão do filho adorado, a mãe chorava no auge do desespero; e no delirio de sua dôr blasphemava: — Si Deus é bom, porque me roubou o filho?

E sua voz despedaçava-se em soluço de dôr.

Ao dar o derradeiro beijo no filho, que em vida fôra sua felicidade, sua alegria, pareceu-lhe ouvir debil e doce voz, que lhe pedia supplice :

— «Mamãe, não chores ! Deus tirou teu filho do mundo, porque no céo elle será feliz ! Tu não querias que fosse feliz ? No ceo eu o serei... Não chores ! Mais tarda, tu e o papae virão me encontrar aqui ! Emquanto viveres, serás feliz, eu te guiarei, serei teu-Anjo da Guarda ! Não chores, mamãe !...»

Ante essa voz mysteriosa, a dôr d'aquella mãe desolada calou-se, as suas lagrimas cessaram, seu coração emmudeceu obediente ás ordens do filho, que do seio de Deus lhe parecia falar !...

#### *O pedido das flores*

Era uma bella manhã, em que o céo se mostrava de um azul purissimo e o astro rei beijava ternamente a terra.

Nesta manhã primaveril, tudo concorria para realçar a belleza d'um formoso jardim, cujos canteiros eram circumdados por verdadeiros tapetes de relva verde e fresca.

Dentre elles, destacava-se pela sua artistica forma, um, onde vicejavam rosas lindas, lyrios de pureza angelical, girasoes, violetas, tudo n'um conjunto harmonioso.

Foi neste jardim, attrahido pela belleza das flores, que veio um Anjo transitar.

Por alguns instantes, silenciosas, e a contemplar o mensageiro celeste, permaneceram as flores. Depois, sem se lembrarem, que fôra elle proprio que lhes dera belleza, supplicaram: Falou primeiramente a rosa: —Eu quero ser sempre bella e ter variadas cores ! Que minhas petalas assetinadas exalem um perfume penetrante ! Por onde passe, quero attrahir os olhares e ser contemplada como a rainha das flores !

— Anjo ! — interrompeu o lyrio — quero ter uma brancura immaculada, da innocencia...

—Eu, quero ter o poder de acompanhar o astro que me deu o nome, possuir-lhe a doirada côr ! disse o girasol.

Implora finalmente a violeta :

— Bom anjinho, a mim concede apenas um recanto humilde, onde eu possa viver feliz e tranquillada ! Contento-me com a sombra de minhas proprias folhas; ahi, a desprender suave perfume, quero que me sintam, sem que me vejam !

O Anjo a todas contentou ; e á violeta, cuja simplicidade fez triumphar, deu-lhe perfume, e fez-a symbolo da modestia e da virtude.

Seja a modestia a moldura das nossas nobres acções ; ella nos faz triumphar aos olhos do mundo, e perante Deus.

## Arithmetica

POR

MATHILDE CIRNE BRUNO

## Exercicios praticos sobre porcentagem com applicação ao juro produzido por pequenas quantias (6.º anno)

Geralmente, resolvem as creanças com grande facilidade qualquer questão dependente de grandezas proporcionaes, porque muito cedo adquirem a noção de proporcionalidade : derivam-n'a do conceito de semelhança desde logo firmado por ellas consequentemente á observação constante de tudo que as cerca.

Assim, qualquer creança de intelligencia normal sente a *subordinação* que ha, por exemplo, entre o *espaço* percorrido por uma pessoa a *velocidade* dessa pessoa e o *tempo* gasto no percurso. Qualquer creança a quem sómente se tenha dito o que se entende por *densidade dum corpo* comprehende que de dous corpos accusando o mesmo peso será *maior* o que tiver *menor* densidade, etc.

Pede o programma do 6.º anno exercicios praticos sobre porcentagem com applicação ao juro produzido por pequenas quantias. E os alumnos perfectamente identificados com a idéa de proporcionalidade recebem sempre com agrado todas as questões que, a proposito, lhes apresentamos.

Bem explicada a significa-

ção de cada uma das, palavras — capital, juro, taxa e tempo —, proponhamos á turma alguns problemas sobre juros para que os alumnos os resolvam espontaneamente, sem a menor systematização, com inteira liberdade de raciocinio.

Vejamos algumas questões:

— I Durante que tempo o capital 3:290\$000, empregado a 6,5 % ao anno, produziu . . . 624\$000 de juro? —

Sabe a creança que a cada 100\$000 correspondé o juro annual de 6\$500, por isso procura saber, para resolver a questão acima, quantas centenas de mil réis ha no capital 3:200\$000.

Multiplica então 6\$500 por 32 (tantos são os 100\$000 no capital dado) e encontra assim o juro annual:

$$6\$500 \times 32 = 208\$000$$

Mas. . . — raciocinará ella — de que modo foi formado o juro total?

— Repetindo o juro annual tantas vezes quantos os annos durante os quaes esteve empregado o capital.

D'ahi :

$$624000 \div 208000 = 3$$

Rp. 3 annos.

— II A que taxa esteve collocado o capital 2:800\$000, sabendo que em 2 annos produziu 392\$000?

— Agora, para resolver esta 2ª questão, procura a creança o rendimento annual do capital 100\$000, e sente que esse rendimento é tantas vezes menor que o juro annual do capital dado, quantos 100\$000 houver em 2:800\$000.

D'ahi :

$$(392\$000 \div 2) \div 28 = 7\$000$$

Rp. 7 o/o.

— III Quaes os juros de 600\$000 a 8 o/o, durante 3 annos ?

— A cada 100\$000 corresponde o juro annual de 8\$000, o que equivale a dizer, corresponde o juro de 24\$000 em 3 annos. Havendo em 600\$000, 6 valores iguaes a 100\$000, o juro pedido é

$$24\$000 \times 6 = 144\$000$$

Rp. 144\$000.

IV Qual o capital que, collocado a 4 o/o ao anno, produziu 80\$000 em 2,5 annos?

— Qualquer creança, habituada a raciocinar, vê logo que o capital 100\$000, sujeito ás condições do problema, produz o juro de

$$4\$000 \times 2,5 = 10\$000$$

isto é, produz um juro 8 vezes menor que o do capital a determinar.

D'ahi :

Capital pedido:

$$100\$000 \times 8 = 800\$000$$

### Problemas para as diversas classes

I D'uma caixa contendo 8 dezenas de pennas, uma professora distribue 2 pennas a cada um dos seus 38 alumnos. Quantas pennas sobraram na caixa ?

II Um negociante compra 3 peças de fazenda, cada uma com 45 metros, á razão de... 360\$000 a peça. Vende-as a ... 9\$200 o metro. Que lucro obtém?

III Cinco rapazes tomaram um automovel e combinaram dividir a despeza em partes iguaes. Alguns delles, porem, não dispunham, na occasião, da importancia necessaria, razão pela qual cada um dos outros desembolsou 6\$400 a mais.

Terminado o passeio, recebeu o *chauffeur* 48\$000, em pagamento. Quantos rapazes deixaram de pagar?

IV Um trem percorre em 1 hora  $\frac{3}{4}$  do hectometro; um outro trem percorre em hora e

meia  $\frac{4}{5}$  do hectometro. Qual dos dous é mais veloz ?

V No fim de 4,5 annos, um capital rendeu os  $\frac{9}{40}$  de seu

valor. A que taxa esteve empregado?

Rp. 5 o/o.

VI Collocando parte d'uma quantia a 4 o/o e o resto a 5 o/o obtive juros iguaes. Qual o valor de cada parcella, se a quantia collocada é de 31:500\$000?

Rp. 17:500\$000 e .....  
14:000\$000.

VII Um reservatorio com 2, m. 40 de comp., 1 m. 90 de largura e 1, m. 20 de profundidade está cheio d'agua.

Mergulha-se nelle um cubo de meio metro de aresta. Que quantidade d'agua ficará no reservatorio ?

VIII Um negociante contava com a venda de umas tantas garrafas de vinho, á razão de

66\$000 a duzia, porem, ao annual-as quebrou 8 narrafas. Foi então obrigado a vender as restantes a 7\$700 cada uma, para poder compensar o prejuizo. Quantas eram as garrafas ?

IX Uma dona de casa gastou nos 105 primeiros dias do anno 2:940\$000 (anno bissexto).

De quanto deve reduzir a sua despeza diaria, si quizer que a despeza annual não exceda a 9:465\$000 ?

### Historia

## Pequenas lições de Historia pelo programma das escolas primarias municipaes

POR

OLYMPIA DO COUTTO

Vimos na ultima lição desdobrar-se os successos da expedição franceza de Duclerc contra o Rio de Janeiro, até chegarmos ao ultimo lance — o assassinato d'aquelle official na casa de sua residencia á rua de S. Pedro, não tendo havido sufficiente diligencia em se descobrir o responsavel por esse crime.

O desejo de vingança, a ancia em desaggravar o pavilhão francez, e talvez mais do que isso a perspectiva dos lucros a auferir na empreza de um bem dirigido assalto á cidade do Rio de Janeiro que passava por ser muito rica e que mostrára ser muito mal governada, tudo induzia os francezes á realização de um novo golpe contra este ponto da colonia portugueza da America. A iniciativa coube ao almirante Duguay-Trouin, mas bem se comprehende que sem o concurso de gente poderosa que acudisse com o capital indispensal, sem a protecção do governo francez que fornecesse

alguns indios e tropas, sem alliciar e pagar por alto preço algumas centenas de aventureiros que naquelle tempo se contratavam para semelhantes emprezas com o fito unico de ganhar dinheiro — já dos soldados, já dos futuros saques nas terras invadidas, nada poderia conseguir ainda o mais bravo e intelligente dos commandantes. Assim, não hesitou Duguay-Trouin em dirigir-se a tres amigos muito ricos, fidalgos, alguns até com posição official e que já o haviam auxiliado em outras opportunidades; e como houvesse necessidade de consideravel quantia para custear uma expedição que devia constar de mais de uma duzia de navios armados em guerra, bem artilhados e municiados, bem guarnecidos de equipagem e de tropas de desembarque, mais tres capitalistas instados por aquelles forneceram fundos para organização da projectada esquadra. A corporação official, mais difficil de

obter em virtude do mallogro da expedição commandada por Duclerc foi afinal conseguida por intervenção de um dos amigos de Duguay-Trouin que, já dissemos, exercia alta posição na côrte.

Preparados assim os meios de acção, tratou-se do aparelhamento da frota em varios portos francezes, para evitar os naturaes commentarios á vista de um numeroso grupo de navios a se armarem e equiparem simultaneamente sem que se conhecesse motivo para contendas no estrangeiro; Portugal não desconfiaria dos planos dos francezes e seria portanto colhido de surpresa e impossibilitado de organizar a resistencia. Houve entretanto algum aviso para Lisboa, por mais que se procurasse fazer tudo em segredo, porquanto não só a frota do Brasii partiu de Lisboa antes da época normal, como se lhe seguiram alguns navios mercantes armados e guarnecidos de tropas com destino ao Rio de Janeiro e sob o commando de um official distincto, dando-se ao mesmo tempo ordem a todas as capitánias para se pô-em de sobre aviso e prevenção.

Tendo Portugal communicado á Inglaterra, sua alliada, a suspeita de aggressão por parte dos francezes e constando-lhe estar a esquadra inimiga prompta e reunida em certo porto; preparou-se aquella potencia para impedir, para bloquear o alludido porto, não tão depressa porém que evitasse o aviso para Duguay-Trouin que, a tempo, removeu as unidades de combate que alli se achavam para outro porto d'onde largou com destino ao Rio de Janeiro. Era o dia 9 de Junho de 1711, e portanto ainda se não escoára um anno que a frota de Duclerc aportára a estas plagas.

Só a 11 de Setembro ancorou o inimigo em posição de não ser visto de terra e no dia seguinte amanheceu á entrada da barra, tendo as forças portuguezas sido despertadas pelo troar dos canhões, desprevenidas e incautas apezar de terem chegado reforços de Lisboa com regular antecedencia, apezar mesmo do aviso recebido por um navio inglez que de-

terminada e exclusivamente para esse fim aqui chegára em fins de Agosto e avistára em caminho a esquadra franceza já na altura do Brasil e velejando em direcção ao Rio de Janeiro.

O official portuguez que commandava a flotilha vinda de Portugal, Gaspar de Athayde, apenas aqui aportára dispuzera os seus navios de modo a proverem á defesa da cidade e exercitára os seus homens nas manobras; entretanto, com isso se déra por satisfeito, mandando mesmo desembarcar as tropas por não estarem já aqui os francezes, cuja viagem fôra longa e penosa por terem sido contrarios os ventos que os haviam retido alguns dias em caminho.

Não era a primeira vez que a imprevidencia portugueza facilitava invasões no Brasil; a experiencia, porém, de pouco lhes valia.

Fazia naquella manhã de 12 de Setembro cerração tão densa que os francezes, conhecedores que eram do nosso porto, puderam passar quasi incolumes entre as fortalezas, achando-se todos já dentro da barra e dispostos para o combate perto da Armação em frente á ilha das Cobras.

Deve ter sido de verdadeiro assombro a situação do povo e das forças, incumbidas da defesa da cidade. Os navios portuguezes que se achavam entre Santa Cruz e a Boa Viagem vieram encalhar perto de terra a abrigar-se sob as baterias cuja acção elles deveriam em circumstancias nor naes auxiliar, ou melhor, proteger, e impossibilitados de agir foi-lhes posto fogo, de ordem do seu commandante em chefe, para que ao menos não cahissem em poder do inimigo. A fortaleza de Villegaignon que iniciára um tanto indecisa o bombardeio da frota franceza, com tal defeza se houve, naturalmente pela precipitação inevitavel no momento que foi presa de incendio no paiól da polvora onde explodira uma bomba soffrendo além do prejuizo material e da impossibilidade de continuar o combate, a perda de dous capitães, dos quaes um era filho do bravo Gregorio de Gastro Moraes irmão do governador da cidade, e que fôra victimado no anno anterior, por occasião da invasão de Duclerc.

Tudo corria por tal modo aos francezes, tão facil lhes tinha sido até então a victoria, que no dia seguinte, 13 de Setembro, apoderavam-se da ilha das Cobras, alli mesmo aos olhos dos portuguezes, fugindo os poucos soldados que restavam, mal tendo tempo de encravar as peças. O inepto governador já a mandara abandonar sob pretexto de concentrar forças na cidade, na previsão de um desembarque o que bem se comprehendia imminente e inevitavel.

Occupou Duguay-Trouin a ilha, guarnecendo-a com 500 francezes e d'alli hostilizou facil e efficazmente a cidade e as baterias postadas junto ao mosteiro de S. Bento. Causa altamente vergonhosa: foi um francez, já naturalisado portuguez e residente nesta cidade quem dirigiu as baterias do mosteiro de S. Bento, e quem por meio da astucia conseguiu as primeiras e mais seguras informações sobre as forças e os designios do inimigo.

Duguay-Trouin, vendo que lhe oppunham resistencia e que as cousas corriam como se as forças portuguezas fossem constituídas de loucos ou de covardes até o panico para nada tentarem em defesa da cidade, resolveu desembarcar com cerca de 4.000 homens no dia 14 de Setembro, elle proprio admirado da rapidez e facilidade com que se tinham desdobrado os acontecimentos,

Emquanto isso, o governador Francisco de Castro Moraes repetia a *façanha* do anno anterior: entrincheirava-se no campo do Rosario, naturalmente á espera de que alli o fossem procurar os francezes para lhe dar combate, aguardando a luta que se teria de desenrolar nas ruas da cidade, onde seguramnte o inimigo não levaria a melhor.

Tão ingenuo, porém, não era o commandante francez: ao desembarcar, aprisionou logo algumas embarcações mercantes fundeadas proximo de terra, dividiu as forças em dous grupos—um na ilha das Cobras, outro na praia fronteira, e, quando tudo se achava assim disposto, enviou ao governador, uma nota energica, intimando-o o render-se á dis-

crição, arguindo-o de responsavel pelo massacre dos seus compatriotas e pelo assassinato de Duclerc, terminando por declarar que viera vingar tantas crueldades — não usando de processo analogo, que não l'ho permitia a sua condição de soldado de S. Magestade o rei de França, mas exigindo pesada contribuição da cidade, que lhe servisse de castigo e cobrisse as despesas da expedição que commandava, e a entrega pessoal do assassino do seu mallogrado amigo Carlos Duclerc. A estas formaes exigencias accrescentava achar-se senhor da cidade e disposto a levar tudo a ferro e fogo, no caso de resistencia que, aliás, seria inutil.

Respondeu o governador pelo proprio portador da mensagem, rebatendo ponto por ponto as accusações de Duguay-Trouin: Que os francezes tinham vindo a esta terra, não de ordem de seu rei, mas como verdadeiros piratas; que os prisioneiros tinham tido o tratamento habitual em tempo de guerra, não lhes faltando entretanto o pão nem qualquer outro soccorro; que não pudera impedir o natural desforço do povo contra o inimigo, mais que ainda salvara cerca de 100 homens; que da morte de Duclerc não lhe assistia culpa e emprehendera diligencias, infelizmente infructiferas, para descobrir e castigar o culpado; que relativamente a entrega da praça, só lhe podia dizer que do seu rei recebera o encargo de defendel-a, e que isso havia de fazer embora derramasse por ella a ultima gota do seu sangue.

A despeito da energia da resposta, quedou-se o governador, á espera dos acontecimentos. No dia 20, começou Duguay-Trouin o bombardeio de todas as posições portuguezas, devendo no dia seguinte realizar o assalto geral á cidade.

A pusillanimidade do governador abatera por completo os animos; á noite reinava na cidade o pavor dos que se vêm ao desamparo; os soldados, aos poucos, desertavam as fileiras; Castro Moraes, desatinado, consulta a todo o instante os seus officiaes, dos quaes uns votavam pela resistencia, outros pela offensiva,

outros pela mudança para acampamento mais distante das forças inimigas.

E foi esta ultima solução a que o governador adoptou, retirando-se com as suas tropas para o Engenho dos Padres, depois Engenho Novo, e d'alli para Iguassú, em fuga desordenada e vergonhosa.

Pouco se lhe deu do destino da cidade: chovia torrencialmente naquela noite de 21 para 22 de Setembro; o povo fugia, já que fugiam em louca debandada os seus defensores; e na escuridão da noite, ao estrondar da metralha e dos trovões, arrastando a enchente, mulheres e crianças ficaram no caminho, mortas, incapazes de vencer a cheia, atropeladas, pisadas, victimas infelizes da incuria e da vil covardia de um criminoso ou de um demente.

Os prisioneiros da expedição de 1710, arrombaram as prisões e deixaram-se ficar na cidade; e emquanto a população, pela madrugada de 22, ainda fugia desvairada, elles aproveitavam a situação e começavam o saque, sem esperar por seus compatriotas, na ancia de se proverem do melhor.

Amanhecera por fim e já Duguay-Trouin preparava o assalto geral, quando um dos seus officiaes lhe vem communicar que a cidade estava deserta, occupada por pouco mais de 200 francezes, prisioneiros da expedição anterior. Foi então o saque, a pilhagem nos armazens abarrotados de mercadorias, nas casas de familias ricas onde abundavam alfaias e pedras e prataria, sem que pudesse o chefe francez impedir os excessos, a despeito das ordens e mesmo das punições que teve de empregar.

Na manhã de 23 estavam já arrombadas quasi todas as casas e

armazens: barris de vinho, generos de toda a especie, tecidos, pratas, moveis, etc. empilhados na lama das ruas, causariam dó a outros que não os vencedores; e Duguay-Trouin, vendo que não havia força capaz de conter os desregramentos e excessos do saque, nem mesmo o castigo de morte, procurou manter a ordem, occupando a sua gente em armazens por grupos o que podia ser levado para bordo e que ultrapassava todas as suas conjecturas.

Cumprida a bem da verdade assignalar que as casas daquelles que se tinham mostrado caridosos com os vencidos, na primeira invasão, foram religiosamente respeitadas, a pedido d'aquelles duzentos e tantos prisioneiros que tinham ficado no Rio.

E dizer-se que — emquanto se desenrolava esta tragedia sem par na historia de nossa terra, e com sciencia do governador, marchavam do interior para o Rio valiosos reforços sufficientes a garantir e preservar a cidade e a derrotar por completo os invasores!...

E dizer-se mais que o proprio Duguay-Trouin sabia que lhe era impossivel manter-se na praça, que pelo lado de terra estava fechada; pois seria loucura internar-se sem saber que resistencia encontraria e em que caminhos se iria metter... e que seria facilimo, caso houvessem ordem e disciplina, coragem vulgar e noção do dever, cahir sobre os francezes, obrigando-os a embarcar precipitadamente, abandonando o producto do saque...

Nada disto se fez, entretanto, como veremos no proximo numero.

(Continúa)

**Geographia**

POR

IGNACIO DO AMARAL

**5.º Anno****As vertentes e os grandes valles do Brasil**

O programma de Geographia para o 5.º anno das escolas primarias diurnas da Prefeitura do Districto Federal, depois de tratar do ponto — *As agoas e as terras*, — cujo desenvolvimento geral já ficou indicado, occupa-se do estudo das vertentes e grandes valles do Brasil, prescrevendo que, a seguir, sejam ensinados os principaes rios navegaveis das vertentes do Atlantico, do Amazonas e do Paraná—Paraguay, as montanhas do Brasil, os climas do Brasil e, por fim o nosso littoral.

Como observação ao ponto relativo ao estudo das vertentes e os grandes rios do Brasil recommenda o programma official de nossas escolas primarias municipaes que seja mostrada aos alumnos «a relação intima que ha entre as terras altas as bacias hydrographicas e a formação das vertentes».

Seria, sem duvida, preferivel coordenar de modo diverso esses differentes pontos do programma de Geographia, e seria, tambem, conveniente assignalar não só a intima relação existente entre as condições orographicas e as hydrographicas, como ser o recorte littoraneo consequencia directa do relevo, o que

indica a necessidade de fazer seguir o estudo geral do relevo do estudo do littoral.

Deve ser ainda notado que a influencia das condições climatologicas sob a hydrographia aconselha que o ensino daquela preceda o desta ultima, o qual naturalmente deve ser seguido do estudo da flora, fauna e recursos mineraes.

E' esta a moderna orientação do ensino da Geographia; orientação aliás já adoptada, oficialmente, pela Directoria Geral de Instrucção Publica Municipal, em 1924, ao approvar os programmas de Geographia e de Chorographia do Brasil, para o ensino na Escola Normal da capital da Republica, programmas respectivamente elaborados, o primeiro por mim, e o segundo por C. Delgado de Carvalho.

Feitas essas observações a orientação do programma e as modificações que se tornam convenientes passo a indicar o desenvolvimento geral do estudo do relevo brasileiro.

O grande planalto brasileiro separado, ao norte do planalto das Guyanas pela *depressão amazonica*, e a oeste, do systema andino pela *depressão paraguayo—paranaense*, pode ser es-

tudado considerando-o dividido em

a) A Serra do Mar.

b) A Serra da Mantiqueira e suas subdivisões.

c) O systema interior e suas ramificações no norte do Brasil.

O desenvolvimento do estudo das serras do Mar e da Mantiqueira não exige observações especiaes, além da menção das suas localizações respectivas, denominações regionaes e indicação das partes culminantes, entre as quaes deve ser especialmente mencionado o pico das Agulhas Negras do Itatiaya (2.994.<sup>m</sup>), na serra da Mantiqueira, pela sua notabilidade como ponto culminante do relevo brasileiro.

O estudo do systema interior e suas ramificações no norte do Brasil pode ser feito decompondo-o, como o faz Delgado de Carvalho, em :

a) **systema goyano**, ligado á Mantiqueira pela lombada transversal impropriamente chamada *Serra dos Vertentes*, e extendendo-se desde o planalto matto-grossense até os estados do norte abrange as serras da Canastra, da Matta, da Corda, dos Pyreneus, de Tabatinga, do Piauhy, dos Dois Irmãos.

b) **systema nortista**, abrangendo as chapadas do *Ibiapaba* e do *Apody*, (Ceará) «ligadas pela *Serra do Araripe* ao systema goyano e ao massiço norte oriental brasileiro, a *Serra do Barborema*.»

c) **systema matto-grossense**, comprehendendo os chapadões dos *Parecis*, a *Serra da Chapada*, a cordilheira de *Amambaby*.

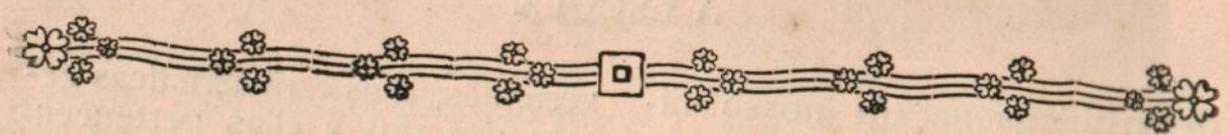
d) **systema das Guyanas**, abrangendo as serras de *Tumac—Humac*, *Paracaina*, *Parimá*, etc.

Feita a discriminação das diferentes ramificações do planalto brasileiro, deverão ser devidamente assignaladas as grandes depressões correspondentes ás bacias *amazonica* e *paraguayoparanaense*, e a bacia do São Francisco, indicando-se ao mesmo tempo as principaes planicies brasileiras, — as planicies do Amazonas, do Madeira—Guaporé, do Rio Grande do Sul, — e as vertentes a que pertencem os rios secundarios, não tributarios daquellas tres bacias hydrographicas, vertentes que são denominadas *septentrional*, *oriental* e *meridional*, e cujos limites oceanicos podem ser fixadas, para a primeira da foz do Oyapock ao cabo São Roque, para a segunda do cabo São Roque ao cabo Frio, e para a terceira finalmente do cabo Frio até o ex-

tremo meridional do nosso litoral marítimo, na foz do arroio Chuy.

Sem entrar em grandes minúcias, podem ser indicadas, de um modo geral, as linhas divisorias de cada uma dessas tres

vertentes, e as características geraes dos rios a ellas pertencentes, deixando-se todas as especificações a elles referentes para o ensino dos pontos relativos ao estudo dos principaes rios das referidas vertentes.



# LITTERATURA

---

*Dorminhoco*

POR

LEONOR POSADA

*Ainda dormes, Francisquinho?  
Que vergonha! que vergonha!  
Nos campos ha mais um ninho;  
uma outra papoila sonha  
nova, no nosso jardim.  
Um bem-te-vi lá na matta  
trinos sonóros desata;  
Bem-te-vi! bem! Bem-te-vi!  
como chamando por ti.  
Saltam lebres pelos prados,  
azas cortam, inundados  
os ares, tontas de luz.  
Tudo vibra, tudo canta,  
tudo ri... eia, levanta,  
Francisquinho, vem folgar,  
vem como as aves brincar...  
Deixa o leito; o bem-te-vi  
está zombando de ti...*

*Dialogo*

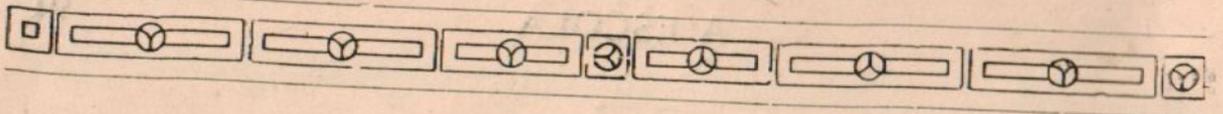
POR

LEONOR POSADA

*«Já viste, gansozinho, a minha trança?  
A mamãe, que m'a fez, poz-lhe uma fita;  
sinto-a tão grande a me pesar, catita,  
que ver não posso onde ella bate e alcança.»*

*Levantando a cabeça, o gansozinho  
o bico abriu, falando admirado:  
— «Ah! é trança o que vejo pendurado?  
Cuidei que fosse a cauda de um ratinho.»*

---



## Informações e Avisos

### A Instrução Pública em Santa Catharina

No intuito de tornar mais effi-  
caz a acção do governo no ensino  
primario, que é obrigatorio no Estado  
de Santa Catharina, acaba o governa-  
dor do mesmo Estado de baixar o  
seguinte decreto:

DECRETO N. 1882 — O coro-  
nel Antonio Pereira da Silva e Oli-  
veira, Vice-Governador, no exercicio  
do cargo de Governador do Estado  
de Santa Catharina, no uso das attri-  
buições que lhe dá a lei n. 1448, de  
de 29 agosto de 1923,

Considerando que nas escolas  
ruraes devido ao seu afastamento das  
autoridades escolares, menos se faz  
sentir a acção fiscalizadora destas; e  
que é, entretanto, imprescindivel, para  
maior efficiencia do ensino, estabele-  
cer a permanente fiscalização dessas  
escolas;

Considerando que esse deside-  
ratum pode ser alcançado com o con-  
curso dos directos interessados no  
bom funcionamento das mesmas es-  
colas: e

Considerando que o instituto  
dos conselhos escolares locaes, exis-  
tentes em varios paizes, é organo pro-  
ficuo para estabelecer e coordenar  
esse concurso

DECRETA.

Art. 1.º. Para auxiliar a fisca-  
lização dos trabalhos escolares e in-

crementar o ensino das escolas publi-  
cas ruraes haverá nas localidades on-  
de funcionarem as mesmas escolas,  
um Conselho Escolar Familiar, com-  
posto de tres membros eleitos pelos  
paes, tutores ou responsaveis pelos  
alunos.

Art. 2.º. São attribuições do  
Conselho Escolar Familiar:

I. Verificar a assiduidade do  
professor, a regularidade do funcio-  
namento das aulas e a exactidão da  
escripta dos livros escolares e das  
informações fornecidas pelo professor  
nos boletins mensaes.

II. Communicar ao Chefe Es-  
colar do Municipio, ou ao Director  
da Instrução, ou aos municipios  
onde funcionam escolas subvencio-  
nadas pelo Governo Federal, ao in-  
spector do mesmo Governo, qualquer  
irregularidade verificada de accôrdo  
com o numero anterior.

III. Corresponder-se com as  
mesmas autoridades sobre tudo o que  
interessar ás escolas publicas da lo-  
calidade.

IV. Visitar as escolas, assistin-  
do ás aulas.

V. Fazer parte das bancas exa-  
minadoras.

VI. Designar qual de seus  
membros deve visar os boletins de  
movimento mensal das escolas.

VII. Interessar-se junto ás fa-  
milias pela boa matricula e frequen-  
cia escolar.

VIII. Promover todas as me-  
didas que, sem contrariarem as leis.

escolares, contribuam para melhoria da escola.

Paragrapho unico. Os membros do Conselho elegerão seu presidente.

Art. 3°. O membro do Conselho incumbido de visar os boletins de movimento mensal, só o fará depois de verificada a exactidão das informações nelles prestadas.

§ 1°. Deverá ser recusado o visto, sempre que as informações não estiverem de accôrdo com os livros de matricula e chamada e quando houver nos boletins qualquer irregularidade.

§ 2°. Da recusa do visto, haverá recurso para o presidente do Conselho.

§ 3°. Se o presidente mantiver a recusa, o professor enviará os boletins ás autoridades escolares a quem devem ser remettidos, communicando a razão allegada para a recusa e produzindo desde logo sua defesa.

Art. 4°. A fiscalização do Conselho Escolar Familiar não se estende aos methodos de ensino.

Art. 5°. E' vedado ao Conselho e a qualquer de seus membros censurar publicamente o professor.

Paragrapho unico. Verificada qualquer irregularidade no procedimento deste, deve o Conselho representar ás autoridades escolares citadas no n. II do art. 2° para que estas tomem as providencias que o caso exigir.

Art. 6°. São condições de elegibilidade para o Conselho Escolar Familiar:

I. Ter o direito de voto, na fórma do art. 1°.

II. Residir a menos de 3 kilometros da escola.

III. Não ser analfabeto.

IV. Não ser parente do professor até ao 3° grau inclusive, nem inimigo delle.

Art. 7°. Conjunctamente com a eleição dos membros do Conselho, que se realizará no 1° domingo de dezembro do anno em que terminar o mandato, far-se-á a de tres suppletes, que substituirão os membros effectivos nos impedimentos temporarios e preencherão suas vagas, no

caso de fallecimento, renuncia, mudança ou outro motivo superveniente.

Art. 8°. As associações escolares que alugarem ou cederem casa para a escola publica, terão direito de representação no Conselho, mediante delegação a um de seus socios, o qual ficará sendo membro effectivo.

Art. 9°. O professor publico tomará parte nas reuniões do Conselho que não tenham por objecto assumpto de fiscalização da escola.

Art. 10°. O mandato dos membros do Conselho, inclusive o daquelle a que se refere o artigo 8°; durará tres annos, podendo ser renovado.

Art. 11. O Conselho poderá convocar, quando julgar conveniente, a reunião dos eleitores, a fim de deliberarem, em conjuncto, sobre assumptos de maior relevancia para as escolas publicas da localidade.

Art. 12. O Secretario do Interior e Justiça expedirá as instrucções que se fizerem necessarias á execução do presente decreto.

Art. 13. Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do Governo em Florianopolis, 7 de Maio de 1925.

ANTONIO PEREIRA DA SILVA

E OLIVEIRA.

*Ulysses Gerson Alves da Costa.*

### 1 Chorographia do Districto Federal — Planicies —

1 grande planicie central da cidade — constituida pelas bacias dos rios Maracanã, Trapicheiro, Andarahy ou Joanna e Comprido, terrenos conquistados a lagunas, a pantanos e ao mar, é occupada pelos districtos centraes da cidade. Tem por limites ao S. as serras de Santa Thereza e da Carioca, do outeiro da Gloria ao fim da rua Conde de Bom-

fim; ao W. a serra do Andarahy, do ponto indicado á rua Barão de Bom Retiro; ao N. a serra do Engenho Novo, morros do Telegrapho e Barro Vermelho e o pequeno massiço da Providencia-Livramento; e a E. o litoral, do morro de São Bento ao outeiro da Gloria. E' em geral baixa e plana, apenas accidentada por morros isolados. A respectiva área mede 22.990.000 metros quadrados approximadamente.

2) Planicie Jardim Botânico — E' constituida pelas bacias dos rios Macacos, Cabeça e Rainha e terrenos conquistados á lagôa Rodrigo de Freitas e bem assim pelas dunas existentes entre a mesma lagôa e o oceano, na praia do Arpoador, comprehendendo os campos do Leblon; é muito irregular e em parte accidentada, sendo, em grande extensão, occupada pelo estabelecimento do Jardim Botânico, que constitue a parte mais povoada do districto da Gávea. Tem por limites, pelos lados N. e W. a serra da Carioca, do morro do Corcovado ao da Vista Chinezta, e deste aos do Dois Irmãos; ao S. o oceano e a E. os morros da Saudade, Cabritos, Cantagallo e a ponta do Arpoador. Mede de área, inclusive a lagôa Rodrigo de Freitas,..... 10.492.000 metros quadrados approximadamente.

3) Planicie da praia de Copacabana — constituida pelas praias de Copacabana e do Leme desde o promontorio da Igreja até o do Leme e terrenos

da encosta da serra que separa este bairro do de Botafogo. Nessa bella planicie acha-se situado o bairro de Copacabana, cujo desenvolvimento tem sido extraordinario e em breve estará transformado em verdadeira cidade balnearia e climaterica, a Nice do Atlantico, como já foi denominada. Mede de extensão cerca de 4 kilometros e de largura 400 a 700 metros, tendo a área de 2.263.000 metros quadrados approximadamente.

4) Valle de Botafogo — constituido pela bacia dos riachos Beaquó e Banana Podre e por terrenos conquistados ao mar, tanto na bahia de Botafogo como nas praias da Saudade e Vermelha, tem por limites ao N. a serra do Corcovado, das fraldas do morro do mesmo nome ao morro do mundo Novo e deste ao morro da Viuva, ao S. os morros de S. João e da Saudade que o separa do bairro de Copacabana; a E. a bahia de Botafogo e a W. a garganta do Piassava. Tem de comprimento do caes de Botafogo ao alto do Piassava 2.240 metros, e de largura media, á rua Sergipe, entre a montanha e o tunnel de Real Grandeza 1.500 metros. A area da planicie de Botafogo, comprehendida e existente entre as praias Vermelha e da Saudade é de 4.092.000 metros quadrados. As planicies de Copacabana e de Botafogo e a serra que separa formam o districto municipal da Lagôa.

5) Valle do Cattete e Laranjeiras — é formado por uma abertura do primeiro grande mas-

sição, por onde corre o rio Carioca, tendo por limites o ramo do massiço que vai do Corcovado ao morro da Viuva, que o separa do valle de Botafogo, e o ramo que vae dos morros do Inglez, Nova Cintra e Cantagallo ao da Gloria, no littoral. De forma irregular—larga no littoral, onde mede cerca de 2000 metros de extensão, do morro da Gloria ao da Viuva vae se estreitando, desde o começo da rua das Laranjeiras, medindo cerca de metade da extensão do littoral, no em que esta é atravessada pela rua Guanabara; deste ponto em diante vae se estreitando até o fim da rua das Laranjeiras, onde termina, passando da cota 3 metros, acima do nivel do mar, no littoral, a 20 metros. Neste extenso valle, cuja área é de..... 2.986.000 metros quadrados, assenta a maior parte do districto municipal da Gloria.

6) Planicie da Saude e Gamboa — é constituida pelo pequeno valle que se encontra entre os morros da Providencia e do Livramento, de um lado, e os da Gamboa e Saude, de outro, e pelos terrenos conquistados ao mar, pelo caes do porto nas antigas praias Formosa, Sacco do Alferes, Gamboa e Vallongo e ilhas adjacentes das Moças e Melões, hoje encorporadas ao continente.

Esta pequena planicie que tem por limites o pequeno massiço dos morros da Conceição, Livramento e Providencia ao S., a E. o morro de S. Bento, ao N., o caes do Porto, e a W, o ca-

nal do Mangue, a partir da grande curva da ponte dos Marinheiros até a sua foz, mede de área 875.000 metros quadrados, achando-se nella situado o districto municipal da Gamboa e parte de Santa Rita.

7) Planicie de São Christovão — é constituida pelo districto municipal de S. Christovão e está situada entre o littoral, a partir da Ponta do Cajú até a embocadura do canal do Mangue, e os morros dos Lazaros, Breves, Barro Vermelho, Telegrapho, Retiro da America e Pedregulho e a praia do Retiro Saudoso; é formada de terrenos de alluvião que, correndo aos poucos dos referidos morros foram aterrando os pantanos e o grande baixio de aguas mortas, que ainda hoje se observa no littoral; mede de área 4.153.000 metros quadrados.

8) Planicie Suburbana. Menos densamente povoada do que a primeira, não constitue propriamente uma só planicie ou valle, porém diversos valles e planicies, algumas mais ou menos accidentadas por baixas colinas, é constituida pelas bacias dos pequenos rios Jacaré, Faria e Timbó e outras planicies bastante extensas, como seja a do littoral entre o canal de Bemfica e o rio Escorremão, percorrida pela E. F. Leopoldina, por onde se vão desenvolvendo os bairros de Bomsuccesso, Olaria e Ramos. Tem por limites, ao S. as faldas dos morros do Pedregulho e Telegrapho e da serra do Engenho Novo; a W. o grande massiço,

da cidade; ao N. a serra da Misericórdia e a E. o littoral, do canal de Bemfica ao rio Escorremão; mede cerca de 54.272.000 metros quadrados de área, achando nella situados os districtos municipaes do Engenho Novo, Meyer e Inhaúma.

9) Planicie de Jacarépaguá — acha-se situada entre o 1º e 2º grande massiço e é constituida pelos valles de diversos rios que desaguam na lagôa de Camorim, seguindo-lhes as dunas que existem entre esta lagoa, a de Marapendy e o oceano Atlantico e os extensos campos de Sernambetiba, inteiramente transformados em pantanos. Começa nas proximidades do Campinho, onde tem inicio a rua Dr. Candido Benicio, no valle existente entre o morro do Valqueiro e o Campinho, na altitude, approximadamente, de 40 metros acima do nivel do mar, dilata-se consideravelmente logo depois do largo do Tanque, onde tem mais de 6 kilometros de largura, desse ponto em diante vaé sempre em augmento até ao oceano, onde attinge entre os extremos, base da serra dos Piabas e o rio Ponta do Marisco, a 20 kilometros approximadamente. E' de cerca de 14 kilometros a distancia entre o littoral oceanico e o seu inicio, proximo ao largo do Campinho. O seu terreno, que desce em declive suave, é relativamente secco até as estradas do Camorim e da Vargem Grande e quasi na totalidade pantanoso entre essas estradas e o littoral oceanico, estando comprehendidos nessa zona

as lagoas do Camorim e da Marapendy. Sua área é de cerca de 159.335.000 metros quadrados, comprehendidas as lagoas.

10) Planicie de Irajá—E' formada por uma parte da extensa bacia do rio Merety e seus afluentes e do rio Irajá, tem por limites, ao S. a serra da Misericórdia, da estação da Penha da E. F. Leopoldina á de Cascadura, na E. F. C. do Brasil, e o massiço da Pedra Branca, da serra de Jacarépaguá até a do Bangú, no ponto em que nascem os rios Visgas e Bangú: a W. as fraldas dos morros do Viégas, Lameião do Santissimo e Coqueiros e a serra do Quitungo, divisor de aguas que vertem para a bahia de Guanabara e das que vertem para a de Sepetiba; ao N. os rios da Pavuna e S. João de Merety e o pequeno massiço dos morros do Nazareth; e a E. o littoral. Atravessada pela E. F. Central do Brasil, de Cascadura ao rio Pavuna, limite do Districto Federal na linha tronco, á estação do Santissimo, no ramal de Santa Cruz, e ainda pelas linhas das vias ferreas Auxiliares da E. F. Central do Brasil, do Rio do Ouro e Leopoldina e pela estrada de Santa Cruz, a grande planicie de Irajá é apenas accidentada em raros pontos por morros isolados, dos quaes os principaes são: os do Sapé e da Fazenda Monte Alegre, regulando sua altitude entre 33 metros na estação de Cascadura, 16 metros na de Deodoro, 47 metros na do Santissimo e 29 metros em Irajá, descendo quasi ao nivel do mar

no littoral. Nesta grande planicie se assenta todo o districto municipal de Irajá e parte do de Campo Grande. Mede de área 169.812.000 metros quadrado».

11) Planicie de Santa Cruz e Campo Grande — E' constituida em parte pela bacia do rio de Prata do Mudanha, desde as proximidades de sua nascente, na serra do Gerecinó, ao norte do districto de Campo Grande; abrangge todo o districto de Santa Cruz e a parte da zona central do de Campo Grande, alem das serras de Inhoayba — Santa Eugenia; tem por limites ao N. o grande massiço Guandú Gericinó, no districto de Campo Grande, e o rio Itaguahy até a sua foz no de Santa Cruz; a E. as serras de Quitungo, da Posse, de Inhoayba, de Cantagallo e da Covanca até o littoral, ao S. e a W. o littoral, do lugar Ponta Grossa á foz do Itaguahy.

Ao N. do districto de Campo Grande a planicie é mais elevada e um tanto accidentada, o que não se dá em Santa Cruz, onde, exceptuando algumas collinas isoladas, é geralmente plana e muito baixa, variando entre 8.m80 na estação de Santa Cruz da E. F. Central do Brasil e 5.m30 na estação do Matadouro acima do nivel do mar em sua maior extensão. Mede de área 226.754.000 metros quadrados approximadamente.

12) Planicie de Campo Grande e Guaratyba — Situada entre o massiço da Pedra Branca, de um lado, e as serras da Posse, nhoyba, Santa Eugenia e da

Covanca, proximo ao povoado da Pedra do Cabucú ou Piraké e do Lavras ou Portinho; mede de área cerca de 100.436.000 metros quadrados.

**Pantanos** — Existem no Districto Federal diversas zonas pantanosas.

Dentre os pantanos, não falando dos extensos mangaes ou pantanos maritimos existentes no littoral, quer da parte continental, quer da insular do Districto, citaremos os mais notaveis que existem nos districtos de Jacarépaguá, Guaratyba e Santa Cruz, que concorrem poderosamente para a insalubridade das zonas em que se extendem, e que occupam cerca de 10 % ou 1/10 da área total do Districto Federal.

Os outros pantanos, occupando uma superficie total de área talvez menor, existem esparços nos differentes districtos municipaes, notadamente nos de Inhaúma, Irajá, Campo Grande e mesmo acima citados, verdadeiros viveiros de transmissores de molestias infecciosas; são em geral, formados pelo alagamento mais ou menos extenso dos terrenos marginaes dos diversos rios que correm pelos referidos districtos, determinados pela falta absoluta de limpeza e obstrucção desses rios.

Os grandes pantanos são os seguintes :

*Pantanos de Sernambetuba, em Jacarépaguá.*

Acham-se situados ao S. e a E. do grande massiço da Pedra Branca e alargam-se até as fraldas do massiço da Tijuca. São forma-

dos pelo transbordamento das lagôas Camorim e Marapendy e dos diversos rios que nelle desaguardam mais ou menos, obstruidos em grande parte de seu curso. A superficie occupada mede approximadamente 79.427.000 metros quadrados.

#### **Pantanos de Guaratyba**

— Acham-se situados entre os contra fortes S. e N. do massiço da Pedra Branca e a serra da Covanca, em Guaratiba.

São em parte, formados pelo transbordamento dos rios Portinho e Piraké, que correm nessa bacia; devido as obstrucções existentes nos respectivos cursos, e á insignificante altitude dos terrenos acima do nivel do mar. Occupam a superficie de 28.330.000 metros quadrados.

#### **Pantanos de Santa Cruz.**

No districto de Santa Cruz, na enorme zona comprehendida entre o povaado e o rio Itaguahy, existia extenso pantano cuja superficie pode ser avaliada em..... 47.820.000 metros quadrados. Este pantano está sendo aos poucos saneado pelos Srs. Durich & Comp. que muito já tem conseguido, quer com os trabalhos de desobstrucção e conservação das vallas e canaes ahi construidos em epocha anterior a 1759 pelos padres da Companhia de Jesus, quer com a execução de outras obras de desseccação cultiv oadequado, occupando a área de 27.820.000 metros quadrados. A parte saneada pode ser approximadamente avaliada em cerca de 20.000.000 metros quadrados.

#### **Os automoveis nos Estados Unidos da America do Norte**

— Segundo a estatistica annual da industria automobilista publicada pela *P. F. Coodrich Rubber Company*, nos fins do anno passado havia nos Estados Unidos da America do Norte 17.897.600 carros automoveis, o que representa um augmento de 2.676.417, ou seja 17,6% sobre 1923, em que este numero era de 15.221.183.

Em 31 de Dezembro de 1921 o numero de automoveis era de 10.448.632. A industria automobilista produziu 3.550.898 carros em 1924, e actualmente se calcula que nos Estados Unidos existe um automovel para cada 6 individuos.

Cinco dos Estados da Confederação tem cada um mais de um milhão de automoveis. São: Nova York, 1.421.253; California, 1.321.480; Ohio, 1.230.000; Pensylvania, 1.221.811; Illinois, 1.119.500. Na California ha um automovel para cada tres pessoas. Cinco estados principalmente agricolas, que são: Iowa, Kansa, Minnesota, Missouri e Dakota do Norte, possuem 2.193.910 carros automoveis, o que representa um augmento de 7 a 14,6% sobre 1923, e demonstra as vantagens que o agricultor encontra no uso desta especie de vehiculo.

Segundo a estatistica, a vida de um automovel de boa construcção é em termo medio de 8 annos.

**Novo cabo submarino entre Italia, Hespanha e Argentina** — Em 16 de Março proximo passado foi inaugurada solememente a primeira secção, Malaga-Roma, dessa nova linha submarina entre a Italia e a Republica Argentina.

Esta secção parte de Anzio, ponto proximo da capital italiana e chega a Malaga, donde se bifurca. A primeira destas duas linhas funciona já, e une Malaga com as ilhas dos Açores, onde se liga com outro cabo de uma companhia Norte-Americana e segue até New-York.

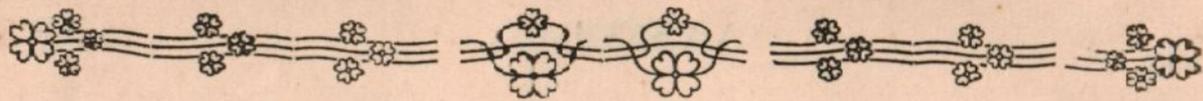
A segunda linha, que funcionará dentro de poucos mezes, irá desde Malága até as Palmas, e depois ao Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres. Esta será a primeira linha submarina *directa* entre a Hespanha e a America Hespanhola, e a de maior comprimento do mundo, pois terá 13.786 kms.

A linha foi idealizada pelo engenheiro italiano Carosi, e a Sociedade que a explora está estabelecida na Italia, si bem que grande parte do capital para sua construcção seja hespanhol. Em virtude do convenio estabelecido, fará parte do Conselho Administrativo um delegado hespanhol, e todo o pessoal da estação de Malaga, que é a mais importante de toda a rede, será hespanhol. A obra de collocação do cabo tem sido rapida e é pensamento estender a rede até Athenas.

=====  
**Experiencia realizada na Belgica para o estudo da propagação do som** — Na Belgica realizou-se uma experiencia analoga ás effectuadas em Aldebroek (Hollanda) em Outubro de

1922, e em Curtine (França) em maio do anno passado, cujo objectivo foi averiguar a velocidade de propagação e outras muitas particularidades do som. A actual experiencia, que teve logar em 3 de março do corrente anno, ás 17h. 18m., consistiu em fazer explodir em Bierges, localidade proxima de Bruxellas, varias toneladas de dynamite, e o resultado da explosão devia ser estudado em varios observatorios e pelos curiosos que desejassem contribuir a isso, fornecendo-lhes oportunas instrucções.

Ainda é cedo para o conhecimento completo de interessantes particularidades da experiencia. O som da explosão não foi ouvido em Bruxellas, porém, a trepidação foi registrada pelos *sysmographos* do Observatorio de Ucale, a 18 kmtrs. de Bierges. A velocidade da onda scismica foi calculada com bastante exactidão e resultou ser de 6 kmtrs. por segundo, porquanto levou 3 segundos a ser registrada em Uccale.



## Atravez das revistas

### *Educação vocacional*

Vocacionalisar a educação não importa em dar uma profissão, comquanto prepare para ella. Importa em insinual-a ou despertai-a dentre um grupo de actividades afins com as aptidões do individuo, pelo exercicio e encaminhamento dessas actividades. Importa mais: importa em dar-lhes o emprego definitivo com se fossem fructo da acção creadora e reformadora da escola.

A vocação deriva de innumeros factores sociaes e pessoas relacionados com os problemas da vida. A escola primaria, portanto, dentro das exigencias minimas de seus conceitos biotecnico, tem a obrigação não só de attender convenientemente o que concerne ao periodo "acquisitivo" do alumno, como tambem mui particularmente o "evolutivo" que marca o principio da formação da alta personalidade do menino e, com ella, o manejo regular dos processos subjectivos em harmonia com o futuro do educando e sua adaptação ao meio. Outra cousa não pretendem Ficher e Viviani em suas leis ou Dervev em suas novas orientações pedagogicas.

Se o individuo nasce com aptidões que o habilitam para adaptar-se ao meio e se este, chame-se social, familiar ou escolar, conspira contra ellas per-

turbando sua eclosão, afogando-as ou dissipando-as, se verificará um fracasso no aggregado social traduzido em um desequilibrio que se sente hoje, capaz de comprometter o valor energetico de sua força dinamica quando deva entrar em acção nos campos de actividades dos progressos humanos, cada dia mais complexos.

Aos 12 annos o menino chegou ao periodo de educação elementar e sem perigo para continuação de seu desenvolvimento integral, pode e deve ser orientado para o futuro. Neste momento ha nelle o intenso labor introspectivo, estados de consciencia definidos que permitem sua "acomodação" ao meio. Ha tambem um accentuado principio de previsão do futuro,

Por isto consideramos esse momento psychologico como algido, quasi sempre decisivo, opportuno para as "explorações" concordantes com a luta, individual e collectivamente considerados.

Vamos mais longe. Vemos na Universidade um perigo como na escola normal e outros institutos de alta linhagem, não porque sejam desnecessarios, mas, porque não é concebivel que nelles se misture toda a humanidade, porque a humanidade supponha por falsa sug-

gestão ou defeitos em sua *contextura* organica, que nella *encontra-se* o segredo de um maior bem estar individual.

Basta lançar um olhar ás *escolas industriaes*, ás de agricultura e a todas aquellas que tenham relação com os officios e a evidencia saltará á vista.

A escola vocacional não pode fracassar porque é escola de "*trabalho*", de "*vida*". E' o typo definido que perdurará para sempre, sem outras mudanças alem das impostas pelo progresso.

O menino quer trabalho, quer acção, que se traduza em reacções que são para elle o *nervo central* de sua propria existencia em todo seu vasto *conceito biologico*.

Não podemos dizer o mesmo de nossos actuaes institutos de educação de "*contextura precaria ou inutil*".

A escola primaria com sua sua orientação actual, impõe violentamente rumos a um importante grupo de alumnos que se "*atreveu*", a galgar o sexto gráo, para logo fracassar no Collegio Nacional, na Escola Normal ou na Universidade. O grande grupo de alumnos, a immensa maioria deserta desde o 2º. gráo se despera sem que a educação lhe tenha servido senão para que vá engrossar a massa informe dos *semi-analfabetos*. E se não é assim, que nos desmintam os directores das escolas de agricultura, de pecuaria, de commercio, de artes e officios e ainda das *normaes e collegios nacionaes*, e nos digam uns, porque suas aulas se

vêm precariamente concorridas de aspirantes ás artes manuaes e outros, que classe de "*factura*" lhes enviamos das nossas "*ponderadas*" escolas primarias.

Contudo, a escola vocacional não se imporá de hoje para amanhã. Pensar assim implica desconhecer o processo adaptativo que deve soffrer a reforma, sem imposições bruscas nem violencias intempestivas.

Seu florescimento esporadico será sua morte inevitavel. A reforma deve iniciar-se desde a escola primaria; deve actuar, sobre a geração em plena *evolução psychophysica*, sem descuidar o ambiente social e familiar que devem ser reeducadas quanto ao *conceito anchilosado* que tem das finalidades que a escola collima.

A escola primaria deve transformar-se em centro de trabalho; não basta que o menino seja um receptor mais ou menos passivo de actividades puramente mentaes. Se a essa tarefa se reduzisse a escola, não temo em proclamar desde já a sua *ineficacia*.

Fallar de virtudes moraes, do exercicio de personalidade do menino, do cultivo de sentimentos altruisticos, de dignidade pessoal e collectiva, de solidariedade social, de auxilio mutuo, no ambiente dogmatico, de disciplinas impostas violentamente, onde o respeito não é uma derivação e sim uma imposição, onde o exercicio integral das aptidões do homem não se effectua, - fallar de todas essas cousas e não pratica-las, não é educar.

Quem o diria? A escola

transformada em centro de trabalho tem a grande virtude de ser um dos factores mais interessante para obter tão bellos resultados. Qual é a razão? A vida em *commum*, a necessaria collaboração, a espontaneidade, a distribuição racional e equitativa dos cargos e responsabilidades, a necessaria intensificação e coordenação do conjunto de actividades, etc.. Neste caso o menino é instrumento de sua propria educação e o professor é mais o seu guia do que verdugo. A escola assim concebida, a escola do trabalho, attrahirá o menino a seu seio, será agradável, desejada. Não haverá bancos desoccupados, nem dispersão escolar. Não necessitaremos invocar a Tolstoy, Eslander, Dervey ou Lunatcharsk, porque em nossa propria casa podemos levar a bom termino a obra, bastando apenas mudar a estructura de nossos programmas escolares.

Como a escola vocacional é escola de acção, como é um centro de actividades dynamisadas em todos os sentidos, como é o crisol onde a personalidade do homem se forma applicando suas actividades á producção de alguma cousa, se poderá perguntar: que trabalhos praticos devem ser cultivados?

E respondo: qualquer que corresponda a um fim util, sempre que satisfaça uma necessidade. Somente havemos de cuidar de não aristocratizar determinadas actividades em detrimento de outros. Tratemos de não fazer operarios de blusas e opera-

rios intellectuaes que não vestem blusas. O trabalho é um e como tal não deve reconhecer categorias sociaes.

Que cada individuo desempenhe seu papel social de accôrdo com suas aptidões, com a maior efficacia, que uma educação racional forçosamente lhe dará e sempre correspondendo á lei do maior rendimento, mediante esforços menores já coordenados.

O operario intelligente a elle chegará seja qual fôr a sua tarefa. Para isso necessitamos da escola do trabalho: que dignifique e coordene as actividades; que associe o musculo ao cerebro, pedra angular do progresso em qualquer de suas manifestações, e dentro della seja o mestre primeiro a ir a aula de collarinho, e a arregassar a manga na horta ou na officina com seus alumnos. Que, de uma vez, faça homens com o exemplo e não pregue o que seja incapaz de fazer. Na presente hora alguem disse que precisamos mais de artistas habeis do que de doutores de officio.

A escola organizada deste modo preencherá uma funcção democratica como disse Larche, de que está muito longe hoje em dia, a qual é a de descobrir e desenvolver a faculdade ou capacidade individual. Diz o mesmo autor: "*O interesse da humanidade está em tirar o maior partido possivel de todo o dom ou faculdade util que qualquer membro pode por ventura possuir e é uma das principais vantagens da sociedade fluida e movediça, o que é mais favoravel que nenhuma outra sociedade, para*

*assegurar a satisfação das capacidades individuais*". Para tirar o melhor partido do poder individual proprio é preciso descobri-lo o mais breve possivel, e logo treinal-o continua e assiduamente. E' admiravel que dotes individuais aparentemente pequenos possam chegar a ser meios de grande utilidade ou de aperfeiçoamento desde que sejam descobertos adestrados e applicados".

Na escola vacacional, levada ao extremo exigido pelo exercicio de uma democracia de verdade, não haverá meninos obrigados a exercer actividades em detrimento proprio, porque neste caso a uniformidade conspira contra a idiosincrasia de cada individuo e provoca rebeldias que malogram os ideaes mais sinceros. Não quero dizer que não seja necessario a uniformidade relativa; mas essa se localisa no ciclo elementar, periodo "*acquisitivo*" na vida do alumno, chamado a estimular o desenvolvimento regular de suas faculdades.

Tambem não poderá ser absoluto este criterio nas condições actuaes; contudo não evita que a evolução deva dirigir-se nesse sentido.

A lei Viviani Astier em França ao prolongar a obrigação escolar até os 18 annos; a lei Fisher, na Inglaterra, e as escolas de Dewey, nos Estados Unidos, no fundo, não aspiram outra cousa. Isto é dar facilidades ao educando, para que se adapte ao meio, em previo accordo com a sua propria personalidade.

Não bastará tambem dar por cumprida a tarefa com oes-

queleto da escola vocacional como o apresento. E' necessario ter em conta os programmmas, eixo central de toda reforma. O progamma ha de caracterizar-se por certa flexibilidade, que lhe permita entrar em plena funcção do ambiente.

Dentro do conceito moderno da escola, o programma é um guia para o professor, cujos limites, por força variaveis, devem permittir sua adaptação ao meio e ao menino. Desde logo, o programma poderá fixar uma méta minima compativel com a capacidade respectiva do alumno, mas nunca um maximo de esforços que no melhor, como succede hoje, trazem como consequencia o "*surmenage*" intellectual e justificam o "*malmenage*" que é peor.

Ao fallar no programma não devemos esquecer que o professor é o seu nervo vivo, que se identifica com elle. Diria ainda mais o espirito democratico da questão basêa-se nelle por completo. Com razão se diz que o melhor programma é o proprio professor. Mas não passo a considerar este ultimo aspecto neste artigo, na certeza de que por outros meios se baterá amplamente o factor docente no sentido de dar novos rumos a sua preparação profissional.

Se a escola vocacional se justifica sob o ponto de vista da psychologia do menino ou seja tendo em conta as diversas aptidões que deve exercitar durante o periodo de escolaridade obrigatorio, ha outro aspecto da questão que não se deve esquecer por-

que é consequencia logica ou como que um derivado categorico. Refiro-me ao seu aspecto social—economico.

Ninguém ignora que a escola modela os povos, marca as rotas e intensifica o progresso na razão directa de sua influencia. Isso se explica: se desde a aula o homem raciocina e o musculo se desenvolve parallelamente as actividades, assim como que se multiplicam, derivam de nossos objectivos, factores de vida de melhor e mais facil vida.

Desta coordenação, sua personalidade adquire perfil proprio, se torna independente, exerce influencia no meio social.

Desgraçadamente, nós não podemos dizer tanto da nossa. Nossos progressos mais se devem ao factor immigratorio que ao resultado da ordem escolar. Ha antecedentes historicos e ethnicos que confirmam esta verdade; passarei sobre elles por alto para não dar maior extensão a este trabalho.

Alem disso, não se trata de olhar para traz, e sim de encarar o futuro com a frente erguida.

Nosso extenso territorio com seus 10.000.000 de habitantes, rendidos ao desespero pela mais insignificante secca, desperdiçando a materia prima que podia dar vida a innumeradas industrias, revela que nossa educação não alcança ao braço; revela que a escola primaria resente-se de um vacuo profundissimo, de um conceito precario de seus fins, enkystado na massa social com tal força que a simples ideia de

arrancar-o provoca serias questões que ainda mais retardam sua influencia retrograda.

Eu mesmo em milhares de occasiões tenho perguntado porque vai tanta gente á escola?

Poderão dizer-me que aprender a ler e escrever. Muito bem, digo, e acrescento: que objectivo pratico tem o decantado saber ler e escrever se não reunirem duas condições previas: coopear com o braço em qualquer actividade humana e accentuar fortemente o indice dos progressos da nação em todas as suas minifestações? E chego a esta conclusão desanimadora: formamos milhões de semi analfabetos e preparamos muitos milhares de universitarios, que darão lustre ao paiz ainda que o pão se torne caro. Declaro que não sou inimigo do Universitario; antes, o julgo necessario, mas em suas justas medidas.

As horas tragicas porque passou por espaço de um lustro toda a humanidade, nos fizeram dizer com desespero, agoniados por necessidades infinitas: "*temos que industrializar o paiz*". Pois bem, ha necessidade de industrializal-o. Ja o presentiram Alberdi, Sarmiento, Magnasco e tantos outros.

Foram feitos ensaios: Magnasco e Saavedra Lamas com seus conhecidos projectos e o actual governo nacional mediante a criação de 30 escolas de artes e officios que não vivem, mas que vegetam a força de mil artificios. Nobres ideaes, não duvido, grandes propositos é certo, mas

não é menos verdade que erraram o caminho com o perigo de não poder chegar a Roma. A reforma devia localizar-se na escola primaria e ao mesmo tempo variar de orientação ás nossas escolas normaes, no sentido de formarem professores em melhores condições para comprehenderem e suggerirem normas aos novos postulados pedagogicos sociaes.

A escola vocacional não só resolve o problema da integração da educação, como que ao provocar a eclosão de energias latentes ou ao creal-as, se fosse necessario, resolve o tão debatido problema social economico imposto pela necessidade de momento.

Pergunto mais ainda. Porque nossos filhos hão de ser inferiores aos anglos-saxões, ao francez ou ao germanico? Porque os accusam de inactivos e de faltos de iniciativas, de preguiçosos e até de apoucadores de intelligencia? Não! Nossos filhos, nossa juventude, formam legiões de energias vivas promettedoras de propulsões vigorosas, capazes de progressos eloquentes nas futuras e grandes batalhas a empenhar-se na transformação das riquezas nacionaes; ha capital inapreciavel por sua magnitude, immobilizado, apreciada herança exporta á bancarota.

Só faltam escolas que descerrem o véo que mantem occulta a panacéa de nossos males. Demos escolas adequadas a essa juventude em seu momento opportuno, hoje ameaçada de morte pelo ambiente que a ca-

pacitará para substanciar sua personalidade, como a substancia ao anglo-saxão, ao francez, ao americano do Norte ou ao Philipino ao propiciar methodos de educação de caracter expansivo, que leva o individuo em linha recta até o *self made man* ou *self government*, pedra angular de suas orientações culturaes e de sua mais facil existencia.

A contextura de nossas escolas primarias, pouco ou nada evolucionadas, diante da distribuição de novos valores da vida, parece mais predestinada a servir os interesses das classes accomodadas. A enorme dispersão de alumnos do segundo grão, impossibilitada por muitas causas, de integrar os programmas inconcebiveis que conspiram contra sua propria natureza, evidenciam os factos.

O educador Sr Cuton o disse com toda a clareza: "*com o criterio da orientação actual da escola primaria, se consideram triumphadores aos que ingressam nos institutos secundarios e se tolera ao empregado. Quem fracassa é o que entra para a officina ou para a fabrica*".

Devemos reagir contra a falsa posição desde onde actúa a escola primaria, que cada dia se distancia mais e mais do reflexo da vida em todas suas manifestações, que devera ser funcção basica para assegurar o valor dynamico do individuo no gozo pleno de suas actividades.

A escola vocacional, já o disse, não forma profissioaes; mas os prepara para encontrar nos trabalhos manuaes melho-

res e mais faceis meios de vida, assim como a escola actual excita até ás profissões liberaes prescindindo do exercicio de outras actividades que facilitou o delicado processo de selecção e accomodação, ou seja um pronunciamento concordante com a personalidade do educando.

Por idiosyncrasia de alguns aos trabalhos, aggregado a isso o falso conceito dos fins da educação, desejou-se vêr na reforma a transformação da escola primaria em uma immensa officina absorvendo por completo o menino com o exercicio de algum trabalho manual. Duplo erro porque isso não é precisamente o proposito e se o fosse, de maneira alguma a concentração de actividades manuaes apoiadas e secundadas pelas faculdades intellectuaes, exerceriam influencias contraproducentes.

E' natural que com tal orientação, a escola deva concentrar em torno de si, laboratorios, officinas, bibliothecas e quantos organismos sejam necesarios para começar nella as actividades do educando. Por sua vez este deixará de ser um receptor passivo das imposições do educador.

Para entrar em cheio na textura organica que ha de formar a armação do novo conceito educacional, a escola primaria é a que por sua vez alimentará os seus meios naturaes, os instinctos encarregados da cultura superior.

A personalidade do educando adquirirá paulatinamente relevos proprios, os estados de consciencia tomarão cada vez maior amplitude como resultan-

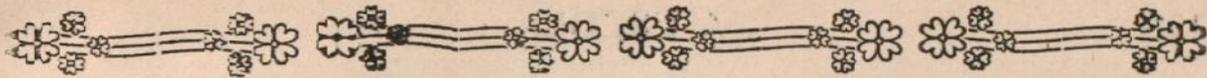
te de um labor introspectivo, accentuado. cada vez mais, se no primeiro caso as leis da natureza tiveram sido o eixo central do trabalho do professor. Chegou, pois, a occasião de encaminhar suas actividades e proporcionar sua adaptação.

Nisso consiste a educação vocacional e para a qual nossas escolas primarias devem evoluir francamente.

Não se creia que esse aspecto novo, se novo pode chamar-se, affectará a somma de integrações que normalmente deva realizar o educando. Ao contrario, a correlação forçosa do ensino, a applicação directa de seus conhecimentos a necessidades da vida, não só tenderão a afixar-as ou a fixal-as, como de uma vez por todas nos encaminharemos para o ideal tantas vezes proclamado e nunca resolvido de levar a bom termo a integralisação do ensino.

Apesar do hermetismo e impermeabilidade ás novas correntes de reforma pedagogica, muito logicas e até plausiveis, não duvido que com medida e tendo como fundamento basico um plano organico, methodico e bem definido em estudos serios e progressivos e com a força do optimismo dos que vão em busca de um ideal realizavel sem olhar o passado, podemos iniciar desde já a grande jornada de democratisação da escola, que resolverá o problema da formação do "homem completo" ante a nossa apenas perfilada nacionalidade.

**Luiz Bornat.**



## BIBLIOGRAPHIA

EL MONITOR DE LA EDUCACION COMUN — *Ano 43 — Tomo 92 — Marzo 31 de 1925 — N. 627 — Organó del Consejo Nacional de Educacion* — Constan do presente numero trabalhos de Leoncio Paiva, José A. Natale, C. Napango Agüero, W. Leopold, José P. Barros e Francisco A. Lopes, além das secções editoriaes do costume.

A EDUCAÇÃO — *Vol. IX N. 3 — Anno IV — Março de 1925.* — Publica uma interessante exposição «*O ensino municipal no Districto Federal*» dirigido ao Prefeito do Districto Federal em novembro ultimo, pelo Dr. Carneiro Leão, operoso director de Instrucção Publica Municipal, e trabalhos de Aprigio Gonzaga e Berilo Neves, além de secções editoriaes informativas.

A ESCOLA NORMAL — *Anno II — Abril de 1924 — N. 13* — Constan do summario do presente numero trabalhos de Barboza Vianna, Joaquim Dalto, Francisco Antonio Dias Abreu, Leoncio Correa Correggio de Castro, Othelo Reis,

Carlos Porto Carreiro, Alfredo B. da Silveira, Jasper Harben, Porto Carreiro Netto, Annibal Costa, Lacerda Coutinho, Salin Adibar, Alberto de Oliveira, Antonio Pinheiro Machado Junior, Jeannette Didereau.

REVISTA SOCIAL — *Anno XIII — Março de 1925 — Vol. XVII — N. 201* — Traz trabalhos de Jonathas Serrano, Padre Pedro Gastão R. da Veiga, Alberto Veillard, Ernani Reis, E. Vilhena de Moraes, Ignez Serrano e Maria Junqueira Schmidt.

QUESTÕES DE ARITHMETICA — *theoricas e praticas* — CECIL THIRE' — *Typographia Pimenta de Mello — Rio — 1925* — Em um livro de 375 paginas o professor cathedratico de Mathematica do Collegio Pedro II Cecil Thiré apresenta 1029 questões resolvidas e a resolver sobre os varios pontos da Arithmetica, questões estas, na maior parte organisadas e submettidas em aulas aos alumnos pelo autor, outras inspiradas em publicações congeneres francezas e ainda algumas das propostas em

provas escriptas nos exames de preparatorios realizados no Collegio Pedro II. O livro offerece a **vantagem** de resolver, em cada **capitulo**, alguns exercicios, propondo outros que, embora relativos ao mesmo assumpto, trazem novas particularidades que **veem**, de algum modo, offerecer ao estudante um maior interesse nas suas soluções. E' pois, o novo livro, já oficialmente indicado no Collegio Pedro II, um auxiliar não só do alumno como **tambem** do professor, que nelle encontrará formulados varios typos de **interessantes** problemas de Arithmetica.

**PROBLEMAS DE GEOMETRIA — ISAAC IZECKSO-**

**KN E LYON DAVIDOVICK** — *Livraria Francisco Alves* — 1925 — Os professores Isaac Izecksohn e Lyon Davidovich organisaram, de **accordo** com o programma official, em um **livro**, uma serie de **problemas** de Geometria, alguns dos quaes dos propostos em **provas** escriptas no Collegio Pedro II em varias epocas de **exames** de preparatorios.

*Problemas de Geometria*, que é prefaciado pelo professor Henriques Costa, **cahedratico** do Collegio Pedro II, será, certamente, bem recebido pelos **professores** desta disciplina e **tambem** pelos alumnos que nelle encontrarão um **bom** auxiliar para seus estudos.

A ESCOLA



## EUGEINA WERNECK

Resultados prodigiosos nos resfriamentos e na gripe.

Allivio immediato nas nevralgias, dores de cabeça, dores nas costas e nas cadeiras.

**DOSE:** 2 comprimidos 3 vezes por dia

Na gripe evita que o doente vá á cama, debellando-a aos primeiros symptomas.



**LU-GO-LI-NA**

DO

**Dr. Eduardo França**

Cura eficaz de feridas antigas e recentes. Dardos, Frieiras, suor, fetido dos pés e da axilla e em injeções cura qualquer Gonorrhéa

Unicos depositories

**Araujo Freitas & Cia.**

RUA DOS OURIVES, 88 — RIO

**Preço 38800**

## KOLATENO

O maior tonico da fadiga cerebral da surmenage em Geral

E' o KOLATENO a melhor preparação de kola fresca, malt. e phosphato de sodio

**DOSES:** 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calix d'agua

**PHARMACIA HOMOEOPATHICA**

Rua Barão de Mesquita, 875

ANDARAHY

*Consultas medicas gratis*

Aos alumnos soccorridos pelas caixas escolares, que tiverem sido assistidos por clinicos desta phar-macia, serão fornecidos medica-mentos gratuitos; aos demais alu-mnos das escolas publicas serão fornecidos c/ 20 % de abatimento.



Limpa, lava e tinge. Unico que não mancha — Depositarios Geraes **M. Gonçalves & Cia.** — Municipal 13 — Teleph N. 159

A ESCOLA

“SUL  
COMPANHIA NACIONAL  
FUNDADA

Relação das apolices do valor de Rs. 5:000\$000 cada uma,

<i>N. das apolices</i>	<i>Nome do segurado</i>	<i>Estado</i>
38.492	Joaquim Ignacio de Almeida . . . . .	Maranhão
46.952	Clodomir Cardoso . . . . .	Maranhão
103.382	H John Grigson Castles . . . . .	Pernambuco
109.034	Luiz Pedro de Andrade . . . . .	Pernambuco
109.819	B Tenente José Venancio de Castro . . . . .	Pernambuco
111.232	B João José de Carvalho Filho . . . . .	Pernambuco
39.386	Dr. Arnaldo Olinto Bastos . . . . .	Pernambuco
43.736	A Agathopodes de Souza Medeiros . . . . .	Pernambuco
45.645	B Feliciano do Rego Cavalcanti d'Albuquerque . . . . .	Pernambuco
01.670	A Luiz Pimentel Ribeiro . . . . .	Pernambuco
3301.928	Sylvio Teixeira de Carvalho . . . . .	Pernambuco
300.206	A José Antonio Fragoso . . . . .	Pernambuco
306.075	C João Manoel Pontual Ribeiro . . . . .	Pernambuco
110.513	A Adelino Casado da Cunha Lima . . . . .	Alagoas
46.100	João de Montavão Mattos . . . . .	Sergipe
106.825	Manoel Moreira de Carvalho . . . . .	Bahia
111.118	Januario Palma da Silveira . . . . .	Bahia
111.129	Quintino Arnaldo da Silva . . . . .	Bahia
43.455	Dr. Gregorio Celli de Freitas . . . . .	Bahia
43.552	José Fernandes Braga . . . . .	Bahia
46.309	Messias Roma de Oliveira . . . . .	Bahia
303.161	D Lucio da Costa Victoria . . . . .	Bahia
303.824	C ADONIAS AGUIAR . . . . .	Bahia
303.824	D ADONIAS AGUIAR . . . . .	Bahia
305.067	A José de Oliveira Lima . . . . .	Bahia
305.409	A Uldurico de Macedo Susart . . . . .	Bahia
45.197	A Aristocles Pedrinha de Carvalho . . . . .	Espirito Santo
302.341	B Dr. Rosenho Serapião de Souza Filho . . . . .	Espirito Santo
101.219	Germano de Oliveira e Souza . . . . .	Estado do Rio
103.984	Francisco Antonio de Souza Sobrinho . . . . .	Estado do Rio
36.005	Luiz Ave Precht . . . . .	Estado do Rio
38.401	Manoel de Souza Aguiar . . . . .	Estado do Rio
301.801	B Armando Jorge Pereira de Lemos . . . . .	Estado do Rio
105.478	A Edmundo Bueno Caldas . . . . .	Capital Federal
106.228	D Francisco Rodrigues de Oliveira . . . . .	Capital Federal
112.844	J Dr. Raul David de Sanson . . . . .	Capital Federal
34.657	Emygdio Fernandes . . . . .	Capital Federal

Peçam prospectos e informações

“SUL AME

CASA MA

Rua do Ouvidor, esquina de

(CAIXA POS

ou às Succursaes e